

Lembranças de Gente

Setembro/2021

1ª Edição: No som do Tambor



Sobre elas

Alice Macêdo



Dona de uma criatividade ímpar, Alice certamente não enxerga de fato a dimensão do trabalho que executa. Impiedosa com a avaliação que ela mesma faz dos trabalhos que desempenha, está sempre à espreita dos próprios erros. Por sorte, possui amigos leais capazes de enaltecer o trabalho que ela realiza de forma brilhante, sendo sem dúvida alguma, uma das melhores designers formadas na sua turma de jornalismo. Vinda de uma família que sempre lutou pelo pão de cada dia, aos 22 anos, Alice não consegue vislumbrar a grandeza das próprias conquistas. Noiva, a caminho de um bacharelado, em todo o tempo da sua graduação jamais se furtou à entrega dos seus trabalhos ou à realização das atividades extra-curriculares que lhes eram atribuídas, mesmo com as dificuldades inenarráveis que a graduação lhe impôs. Alice é sem dúvida alguma, uma estrela em ascensão como designer, e dona de uma humildade e alegria sem precedentes. Alice venceu!

Débora Macedo



Antes jornalista por vocação, aos 15 anos já sonhava ser escritora. Na verdade o sonho lhe foi incutido pela professora de Literatura, Ana Patrícia Lins, que ao corrigir uma redação sua, escreveu: **“Parabéns, você precisa escrever um livro”**, em uma folha de fichário com timbre do Corinthians. Durante muito tempo essa folha foi guardada como um troféu, mesmo quando Débora se revelou uma torcedora fanática do **Bahêa**. Hoje, candidata ao título de bacharel em jornalismo, Débora, que enveredou por esse caminho por afinidade com o jornal impresso, não se abate diante da escassez das versões impressas de jornais. Tem como fontes inesgotáveis de inspiração, seu professor de tantas disciplinas: Jurani Clementino, e a famigerada Eliane Brum. Nem de longe se imagina capaz de escrever textos tão intensos e imersivos como eles fazem, mas está certa de que trilhará esse caminho enquanto houver fôlego, sonho e dedos.

Sumário

Página 05 Para Início de Prosa	Página 07 Lúcio Bahia: o artista que 'povoou' a Amazônia	Página 09 Música: Tambor da vida	Página 10 Conto: O menino e o urso
Página 12 A vida de Lúcio	Página 26 Lúcio em versos	Página 28 Pai Ausente	Página 32 Frases de Lúcio Bahia
Página 34 Fases e faces da vida	Página 36 Música: Pintor da Vida	Página 37 Vovô Painho	Página 40 Música: Guardião do Largo

Página 41 Ecos: Minha Voz tua voz	Página 44 Entrelaços- nega Geane	Página 50 O esconderijo perfeito	Página 51 Vão-se as cordas, fica o violão
Página 51 Quem canta, seus males espanta	Página 51 Cabeça de ferro	Página 52 Músicas: Maués/Alma	Página 53 O músico
Página 55 Relações paternais	Página 58 Música: Boi de piranha	Página 59 Da caçula, com terno amor	Página 62 A grande árvore
Página 63 Genealogia de Lúcio	Página 64 Galeria de fotos	Página 66 Pedro nos, conta tua história?	Página 68 Lúcio Bahia (Im memoriam)

Para início de prosa

A edição “No som do Tambor” tem por motivação a história do irreverente Lúcio Bahia, dando início a uma série que pretende resgatar de forma jornalística e literária a história de gente comum, que constitui na sua essência, a pluralidade da cultura brasileira.

Parte central da revista são relatos obtidos através de entrevista concedida de modo exclusivo à Débora Geane, e cedida generosamente à essa editoria. Dona Dalva Dourado, a principal entrevistada desta edição, sempre muito falante, contava com orgulho, brilho nos olhos e riquezas de detalhes, as histórias da família. Ela é sem dúvida alguma, uma fonte inesgotável de inspiração, e o amor que nela, sempre acolheu essa editora, a faz beber dessa fonte quando esta se sente esgotada ou desanimada com a vida profissional.

Como boa matriarca, apresentou a cada pessoa do seu convívio, pouco a pouco sua família como: desbravadora, honrada, inteligente, sagaz e prendada (sim, este último tinha igual importância), sem que usasse nenhum desses adjetivos.

O desejo de eternizar histórias de família fez crescer em nós a necessidade de voltar nossas pesquisas para algo que mesclasse jornalismo literário, documental, memória e sociedade. É graças a atenção da minha mãe em manter a família do meu pai sempre informada, e ao cuidado de minha tia Débora Geane, em manter os registros da minha mãe sempre guardados, que será possível ter acesso a alguns fragmentos de história que talvez nem meu pai soubesse que ainda existiam. Minha tia Débora Geane, de quem orgulhosamente carrego o nome, não é a historiadora da família, mas é nosso acervo familiar, e lhe sou grata por me apoiar nesse projeto desde quando ele era apenas quimera.

Começamos, com esta edição, um santuário de memórias, em honra às lembranças da minha família, e dedicado ao meu filho Ariel, aos meus sobrinhos: Ana Júlia, Dalva Elis, Alícia, Isabel, Flor de Maria, Bento, Pietra Helena, José Victor, à vindoura Ana Cecília, e aos filhos que eles terão um dia. Para que nunca esqueçam de onde vieram, e para que diante de erros e acertos dos antepassados, trilhem seus caminhos sabendo que a família sempre será o lugar seguro de qualquer um deles.

Débora Macedo

Lúcio Bahia: o artista que ‘povoou’ a Amazônia

Por Débora Macedo

Lúcio Dourado, ou Lúcio Bahia, como artisticamente era conhecido, é dono de letras musicais intensas que retratam suas impressões poéticas a respeito da vida, suas inquietações sociais e suas paixões literais ou carnavais. Irreverente, disse certa vez: “Sou do tipo que sempre faço o que quero, talvez de forma ideológica. A grande perda foi justamente nunca ter feito o que se esperava de mim”.

Amante da filosofia e da sociologia, ainda jovem saiu da sua terra natal, na Bahia, encantando-se pela região amazônica, e porque não dizer, pelas mulheres amazonenses?! Tinha apenas o ensino fundamental, o que não o impedia de ter uma conversa agradável e sólida sobre qualquer assunto que lhe fosse proposto. Em parte era gostoso ver o domínio que tinha com a articulação das palavras, mas desconcertante não conhecer boa parte do vocabulário utilizado por ele.

Começou sua vida artística na juventude, quando aprendeu a tocar violão e nunca mais separou-se de seu instrumento, que só era equiparado ao timbre da sua potente voz. Sua vida pode ser dividida entre a Bahia, o Amazonas e o Distrito Federal, mas foi em Manaus que ele fincou suas raízes e

teve a maior parte dos seus filhos. Sim, são muitos! Como ele mesmo declarou na chegada à Manaus: ele havia ido povoar a Amazônia. E se essa foi a sua missão, cumpriu-a!

A vida de Lúcio teve momentos marcantes. Filho de família abastada, não se furtou a viver os arroubos de sua juventude como quem sabia que tinha para onde voltar. Embranquecendo cedo os cabelos dos pais, D. Dalva e Sr. Gildásio, o músico viveu altos e baixos tanto na sua carreira artística quanto na sua vida familiar.

Em 1980, quando chegou em Manaus, conheceu Rozames, com quem viveu e teve os três primeiros filhos amazonenses: Raoní, Lúcio e Larissa. Na Bahia, deixou outros dois: Pablo e Gil. Mas não parou por aí, em um novo relacionamento, agora com Geny, teve mais quatro filhos: Sandra, Dalva, Mateus e Lívio. Dalva faleceu com 1 ano e 8 meses vítima de uma pneumonia. Encerrando a carreira da paternidade, de acordo com os cartórios conhecidos, veio Renato Lúcio, fruto de um namoro com Renata. O rapaz povoou ou não o Amazonas?

Durante o casamento com Geny, foi dono de pizzeria, bar e pastelaria, mas foi empreendendo no ramo de serviços gráficos que viveu seu período de maior prosperidade financeira, época

na qual passou um longo tempo afastado dos palcos e tornou-se protestante, como dizia a sua mãe, contrariada de tê-lo criado na igreja católica e ele levar todos os seus filhos para outro caminho religioso.

Foi com o fim do casamento com Geny que o artista viveu também a sua derrocada pessoal. Contrariado com o fim do relacionamento, Lúcio passa a ser uma sombra do que fora um dia, chegando até mesmo a viver em situação de rua.

Tornou-se então, filho do seu filho, passando a depender de Raoní para as suas necessidades mais básicas. De todos os filhos, foi com este que estabeleceu o relacionamento mais próximo, e por isso mais conflituoso. Enquanto seu filho fazia o papel de pai, cobrando dele atitudes que o fizessem retomar o rumo da sua vida, ele certamente apoiava-se no amor que sabia que nutria a relação para agir como quando jovem: viver os arroubos, agora das suas angústias, sabendo que teria para quem voltar.

Na Chácara Estrela Dalva, o 'DNA da Amazônia' encontrou seu sossego. Entre seus bichos e suas plantas, sempre com seu violão e seus estudos de língua estrangeira e sociologia, dividia as suas noites também com estudos da terra, pensando em novos plantios sem agrotóxicos, nas galinhas de raça que Rozames sempre queria pôr na panela, elaborando os shows que eventualmente fazia na cidade e compondo para o seu disco, que chegou a ter todo o instrumental gravado

em estúdio, mas não houve tempo de colocar a voz, pois queria arrumar os dentes para melhorar a sonoridade. Partiu antes disso.

Dono de um carisma peculiar, o músico era querido pelos amigos, e até quem tentava não gostar, acabava nutrindo carinho por ele. Viveu como um pássaro, às vezes engaiolado, mas sempre pronto para bater asas e voar.

Lúcio considerava a música a principal atividade da sua vida, como disse em entrevista à TV UFAM – Universidade Federal do Amazonas, a arte era a sua vida, a sua roupa, a sua água. Apesar disso, acreditava que qualquer artista que se propunha a ultrapassar o limite do que é, já era, por si só um condenado. Como consequência dessa maneira de pensar, condenou-se a prisões sobre as quais nunca ousou falar abertamente, mas que muitas vezes são retratadas nos rascunhos encontrados em folhas soltas na sua casa. No início da doença que tirou a sua vida, ele relata à sua filha que tinha desaprendido a respirar, e que precisava de exercícios de respiração. Vítima de um enfisema pulmonar e um câncer descoberto de maneira tardia, ele deixou o seu legado de amor pela música gravado como impressão digital, no Raoní; sua habilidade com as palavras com Larissa; e com os amigos e familiares, sua sonora e expansiva gargalhada, que qualquer pessoa que tenha escutado apenas uma vez jamais conseguirá esquecer. Como bem define Pablo: “Lúcio Flávio era assim: quem gostava, gostava e quem não gostava... rs... Satanizava”.

Tambor da Vida

Autor: Lúcio Bahia

Não espere por mim
Pois o cansaço pode lhe pegar
Mesmo que o sol entre no seu quarto
Todas as manhãs, todas as manhãs

Quem vacila dança
Quem não dança também,
quem não dança também...
É só tocar no ponto que todo mundo vem
É só tocar no ponto que todo mundo vem

Ó senhor que vive a tocar o enorme tambor
Tambor da vida
Que está a ecoar em milhões de peitos felizes, contentes
Com som e com tom do teu tambor

Toca pra quem vai dançar
Retoca pra quem já dançou
Toca pra mim outra vez
Quero o som deste tambor

Tum TumTumTumTumTum
Tum TumTumTumTumTum

Toca pra todos os cantos
Toca pra todos os santos
Toca pra todos os risos
Toca pra todos os prantos

Toca pra todos os negros
Toca pra todos os brancos
Toca de novo pra mim
Toca pro meu Raoní

Tum TumTumTumTumTum
Tum TumTumTumTumTum

Ouça esta canção na voz de Raoní Macêdo



O menino e o urso

Por Débora Macedo

Fosse nos dias de hoje, iam dizer que Lúcio era hiperativo, mas não era assim que falava o povo antigo.

De endiabrado é que chamavam o danado, e o menino coitado, mais aprontava pra dar conta do recado.

Menino que não era batizado, era virado no capeta, mas Lúcio no batismo, de certo derrubou a água benta: Tão travesso, que ninguém aguenta.

Os vizinhos não davam conta, os colegas só se queixavam, e foi numa ida pro circo que aconteceu o caso relatado.

Pipoca na mão, vai começar a sessão, curioso como era, chegou bem perto do ursão.

Duas jaulas e o menino atizado, começou a dar pipoca ao urso, e foi um rebuliço retado.

O urso avançava e ele dava pra trás, avançava e ele dava pra trás, até que sem perceber outro urso o ataca, com uma fome voraz.

Puxa o braço, o urso não larga, puxa de novo, enquanto o urso rói até o osso.

O bicho insatisfeito, segurava seu almoço com uma pata, enquanto atrás do menino,



uma multidão o puxava.

No rádio amador da vizinha, de longe dona Dalva soube do acontecido, pegou depressa a estrada com o coração de mãe amolecido.

De um médico ouviu o relato: “seu filho tem ponto igual à colcha de retalho”.

O braço queriam cortar, mas deixaram no lugar, graças a um outro doutor que estava lá.

Braço no lugar, e faltando carne pra daná, dona Dalva queria enxetar, mas quem disse que tinha médico que queria mexer naquilo lá?

Os tendões ficaram presos, não saíam do lugar.

Viajavam pra todo canto, pra mó de o braço ajeitar.

Tá pensando que o urso levou a brabeza de Lúcio? Era só os moleques chamarem ele de ‘resto de urso’ que num instante a mão na fuça virava o recurso.

No meio dessa confusão, Lúcio encontra um violão. Começou a dedilhar e acorde por acorde destravou o tendão.

Do quase amputado braço, notas começaram a se formar, deve ser por causa disso, que a música virou o seu ar.

De poesia em poesia, letra e música formou, e o talento era tanto que até hino de cidade criou.

E foi assim que surgiu, a vida artística do cantor, que cantava Gil melhor que Gil.

A vida de Lúcio

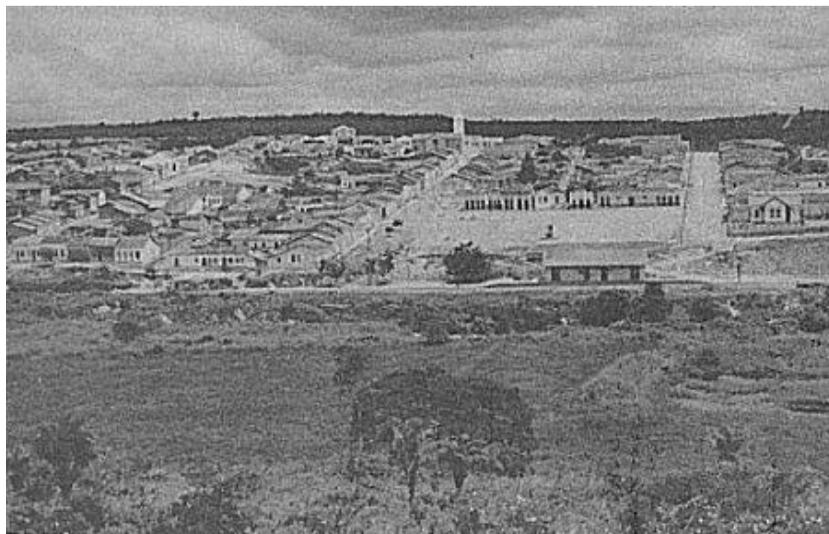
Relatos de mãe

Por Débora Macedo

Lúcio Flávio Dourado de Oliveira Macedo Matos, nasceu na cidade de Piritiba, interior da Bahia, no dia 01 de dezembro de 1955. Filho de dona Dalva Dourado e do sr. Gildásio Macedo, desde a infância demonstrava ser uma criança hiperativa, fato que na época, não se diagnosticava. Sua irmã mais próxima em idade era Geane, pessoa a qual, anos depois homenageou colocando seu primeiro nome na sua primeira filha menina. Segundo relatos de dona Dalva, matriarca da família, os dois brincavam muito, mas ele também tinha os momentos de preferir brincar sozinho, com as vacas de osso dele.

Único irmão de quatro meninas, atrapalhava as brincadeiras delas com frequência. Por isso, as irmãs e as amigas tinham receio de Lúcio destruir as suas bonecas, tão famosas que já eram as suas pirraças.

Dona Dalva costumava dizer que “Lúcio começou a atentar desde de pequenininho”, e relata que na infância



Piritiba no anos 50

Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, IBGE, vol. XXI, 1958

em Piritiba, “na hora que queria atentar, saia correndo por cima das casas todas da rua, até achar um vão, que não pudesse pular”. A mãe do então, pequeno Lúcio, dizia ainda que “as pinturas de Lúcio” ela não gostava nem de lembrar, tamanho era o trabalho que deu.

“Subia em cima da casa com quatro anos, ainda nem sabia tirar a botina. Na casa que morávamos tinha um pomar enorme e ele só calçava botina, porque subia em tudo que era árvore e às vezes não sabia nem descer, era muito pequeno”. Em tempos atuais, diríamos que Lúcio veio “sob encomenda”.

Os relatos maternos dão conta ainda de que tamanhas eram as

Acervo familiar



Lúcio com aproximadamente 2 anos

estripulias, que até em pé de romã, que as galhas são finas e atrapalhadas, ele subia. Os pés de pinha, umbu, e caju, também não estavam fora do radar do pequeno notável. A solução para evitar os sobe e desce de árvores era não deixá-lo sem bota, visto que ele não sabia tirar, e se estivesse calçado com as botas, não conseguia subir nas árvores, nem nos muros, tampouco correr pelos telhados. Quando enfim aprendeu a tirar as botas, a mãe apelou para outro artifício: “a gente tirava o calção dele, podia ter o que fosse na rua, que não saia na porta pelado”.

“Meu Deus, esse menino subia em cima das casas de Piritiba e saia correndo, enquanto não achasse um beco, ele não parava. Todo mundo dava queixa, mas todo mundo suportava, porque era o meu filho e eu era uma boa vizinha. Tinha um vizinho que dizia que Lúcio atentava muito na casa dele, mas era o meu filho, tinha que suportar porque eu era muito boa”.

Ainda pequeno, em uma das traquinagens, subiu no poste do correio telégrafo, o poste era muito alto e tinha um fio de alta tensão. Foi quando o rapaz que era aprendiz do seu pai, Gildásio, foi chamar o patrão: “olhe onde Lúcio está”! Lúcio devia na época ter uns três ou quatro anos. O pai ficou nervoso e mandou o menino, aprendiz do telégrafo, mostrar uns bombons para ele, aí ele desceu.

Certa vez, as preás que seu Gildásio criava no quintal do telégrafo deram cria. Segundo dona Dalva, era uma das coisas mais lindas do mundo.

“Um dia quando cheguei lá as preazinhas tudo morta, ninguém sabia como as preazinhas morreram. Maseu tinha um jeito de saber as coisas de Lúcio, do que ele fazia escondido, era só perguntar: que hora você fez isso? Se perguntasse: você fez isso? ele negava, mas se perguntava: Lúcio, que hora você fez isso, ou como fez isso? Ele dizia a verdade: Lúcio, como é que você fez pra matar essas preazinhas? Pegava assim e apertava no pescoço, apertava até que elas quetavam. Matou todas assim”.



Arquivo público da cidade Piritiba (BA)

Dona Dalva relata que em meio a todo o tumulto que o filho causava, só havia uma pessoa que dava jeito no menino: sua vizinha, Dona Amália.

“Ave Maria! Não tinha criatura melhor no mundo que dona Amália, era a pessoa que Lúcio mais gostava e obedecia. Lúcio gostava muito de Dona Amália, quando era para eu sair, se eu quisesse ir para qualquer lugar, ninguém aguentava ficar com ele, era danadão, só ela que queria ficar com Lúcio. Chamava ela de

Vobaia e com ela não atentava de jeito nenhum, obedecia. Com ela, ele era um santo, queria muito bem, não teimava, só ficava com ela o tempo todo, fazia dever de casa, ficava brincando com os netos que ela criava. Junto com Dona Amália não dava confusão nenhuma. Teve um tempo que ela adoeceu, quebrou um braço e quando ele chegava da escola ia pra lá, dona Amália deitada em uma cama e ele em outra cama. Ele dizia que se Dona Amália morresse, que ia deitar em cima da sepultura dela, até que ele morresse também”.

O carinho por dona Amália era tão grande, que quando Lúcio ia para Irecê, na época do verde, todo dinheiro que davam para ele lá (o povo gostava muito de dar dinheiro a menino naquele tempo), ele só comprava coisas para trazer para Dona Amália. Era peneira, colher de pau, panela de barro, o que o dinheiro desse para comprar, ele comprava para Vobaia. A amizade dele era Vobaia.

Um dia, porém, a neta de Dona Amália, Avanir, casou-se com um rapaz de São Paulo, e pouco a pouco mudaram-se para a capital paulista. Os meninos e Avanir, não tinham mãe, foram criados por Dona Amália que acabou indo morar em São Paulo também, para a tristeza de Lúcio. O carinho dela pelo menino era recíproco, mudou-se até de casa, indo morar em outra rua para

ficar longe da criança, achava que assim iria desacostumá-lo da sua presença, mas não adiantou. Ele descobriu onde era a casa e ia lá todos os dias. Ela foi para São Paulo, nunca mais ele a viu, “ficou apaixonado por uns dias, depois esqueceu”, conta dona Dalva.

A partida de Dona Amália fez com que o comportamento de Lúcio piorasse.

“Me deu muito trabalho. Saia para brincar e toda hora vinha um menino me dar queixa. Depois de algum tempo eu não aguentava mais e o jeito foi falar com os meninos: olha, na hora que Lúcio bater em vocês, se juntem e dê uma surra nele. Aí foi quando ele deixou de bater”.

Em Piritiba, havia o cinema de Seu Marotinho e Palmira.



Escola Almirante Barroso onde Lúcio iniciou o primário



Geraldo Lima

Praça Getúlio Vargas em 1959, onde Lúcio morou até 1964

“Me lembro que dia de domingo eu ia levar os meninos para a matinê. Uma vez fomos para um filme de Mazzaropi, devia ser umas das primeiras vezes de Lúcio no cinema e tinha um vendedor de pipoca na fita. Acabou Lucio dando um choro, um calandú danado, porque queria que eu comprasse pipoca. As pipocas estavam passando lá na fita e ele queria comer. Toda vez que tinha filme de Mazzaropi eu tinha que levar essas meninas e Lúcio. Não podiam perder o filme de Mazzaropi. Passavam também muitos filmes de Oscarito, Grande Otelo, Ankito e Joselito. Eu sempre gostei de cinema, de circo e muito de teatro”.

Em Piritiba, Menininha, foi a ajudante de dona Dalva durante muitos anos. Lúcio e Débora Geane tinham

verdadeiro apreço por ela, segundo Dona Dalva. Era Menininha quem os levava para ver as animações do carnaval, as caretas, bumba-meu-boi, as festas populares da cidade.

“Em uma destas festas, Menininha voltou danada com Lúcio, porque ele ficava comendo tudo que era coisa e soltava uns puns bravos no meio do povo. Aí teve um dia que fiz jenipapo com leite e o leite não tava muito frio, Lúcio tomou muito e chegou lá, disparou a soltar pum, foi terrível o fedor. Menininha se danou, disse que não levava mais para lugar nenhum. Mas nos fins de semana, ela levava tanto Geane como Lúcio para a rua dela, chamada de Rua das Palhas, lá só tinha casas de palha. Quando era de tarde botava os dois pelados em cima de uma tábuia, dava banho de água



Praça Getúlio Vargas em 1975. A casa da família era a última da fileira à esquerda

fria e já trazia tomados banho. Banho em cima de uma tábuia com água fria jogada, e eles dois gostavam muito de ir para lá”.

e o mesmo dispara: “Dona Dalva, olhe a minha cabeça como está branca, foi Lúcio que embranqueceu o meu cabelo”. Ainda segundo os relatos da mãe:

Morando em Jacobina, Lúcio não parava em escola alguma. Os pais faziam o que podiam, o colocavam em escolas particulares e Débora Geane junto, a fiel escudeira que não se sabe se o vigiava ou o acobertava.

A mãe do espevitado menino conta que certa vez a professora a chamou e disse:

“Se a senhora tivesse que ganhar um prêmio de comportamento do pior aluno e do melhor, a senhora ganhava os dois. Débora Geane do melhor, e do pior por parte de Lúcio”.

Um tempo depois, já na cidade de Morro do Chapéu, Dona Dalva se encontra com o professor Lourival, dono da escola em que Lúcio estudara,

“Ele vestia a farda da escola, mas não ia, subia a serra da Caixa d’Água. E no fundo do prédio onde morávamos tinha uma murada em uma área grande aberta, e ele sabia que, de qualquer maneira, eu tinha que sair ali para botar uma roupa



Stihel Braga

Serra da Caixa d’Água, o menino da foto bem que podia ser Lúcio



Residência em Jacobina, o quarto de Lúcio era a primeira janela direita

pais conseguiram interná-lo no colégio dos padres em Jequitibá, caro para a situação deles, mas lá, Lúcio parecia ir bem.

“Eu tinha um padre amigo, Aloísio, que cuidava dele. Mas depois ficou tão impossível que os padres só aguentaram um ano. O padre lá, que era prefeito do colégio, não tinha dentes e Lúcio ria muito do padre, fazia anedotas. Tinha um pomar no colégio, com coqueiros que ninguém tinha coragem de subir e ele subia e tirava coco pra tudo que era aluno do colégio, subia em todas as árvores e tirava frutas para a turma, o que não era permitido. Era essa confusão toda e os padres não quiseram mais”.

Mudaram-se para Irecê e lá foi dona Dalva a procura de um novo colégio para o seu menino. Achou um internato em Ponte Nova, que ele frequentou também durante um ano.

“No final do ano o diretor me

para esquentar, qualquer coisa, e ele tava lá em cima da Serra da Caixa d'Água. Fardado para eu ver que ele não foi para a escola, e eu não podia fazer nada, dar ordem alguma, não adiantava chamar, pois ele estava longe no alto”.

Em Jacobina, nenhuma escola aceitava Lúcio. O professor Lourival, da escola Ana Neri também desistira. Os

IBGE - Acervo dos municípios brasileiros



Escola Ana Neri ao lado direito da igreja matriz, se avista as janelas



Colégio de Jequitibá

Kivia Neves

escreveu dizendo que não aceitava mais de jeito nenhum, pejei para eles aceitarem, pelo menos enquanto eu arranjava outro colégio, aí ficou em Irecê a pulso, não tinha outro jeito”.

Quando a irmã caçula, Margareth terminou o ginásio com 14 anos, ele também terminou.

“Fez o último ano com 19 anos. Ele entendeu de terminar o ginásio, pois só perdia de ano porque não ia na escola. Um professor dele me disse: se Lúcio apenas assistisse aula, bastava assistir, ele podia não ser o melhor da escola, mas não perdia de ano, nunca. Mas ele não assistia, não ficava lá. Quando foi no último ano do ginásio ele tava brigando com um aluno e falaram que o diretor vinha e ele saltou pela janela, o diretor suspendeu ele uma semana”.



Instituto Ponte Nova

Domínio público wikipédia



Instituto Ponte Nova

Domínio público wikipédia

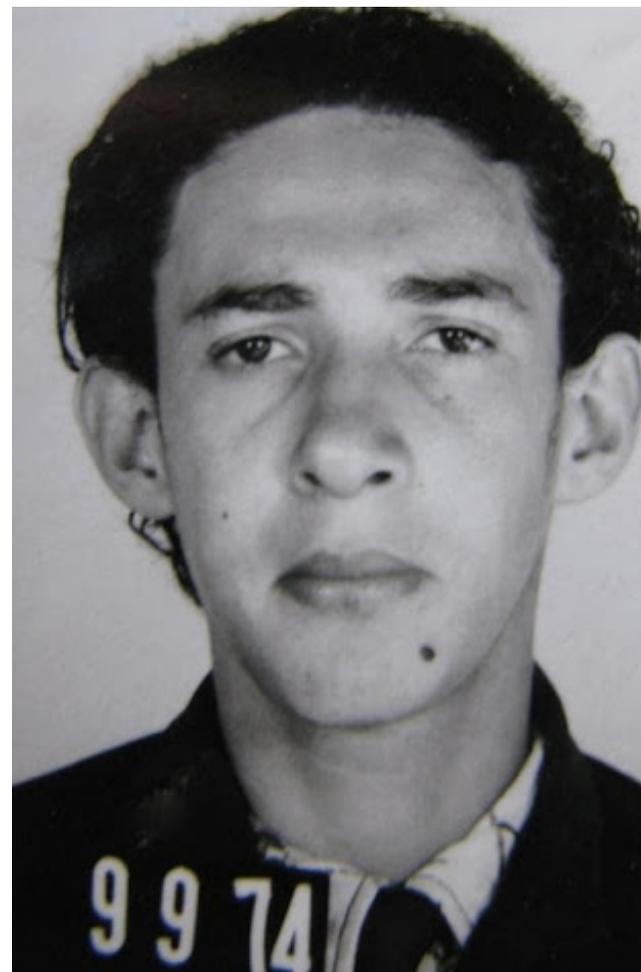


Depois de suspenso, Lúcio encontrara a mulher do diretor, Dária, e lá se vai outra discussão.

“Ela foi falar com Lúcio na rua, falar das coisas que ele fazia e ele falava dos filhos dela também. Dária, uma mulher de idade discutindo com um adolescente na rua. Ela suspendeu Lúcio por um mês. Aí teve muito erro, é antipedagógico uma suspensão de um mês a um aluno no último ano de ginásio. Ela podia suspender até cinco semanas, uma sim, outra não, mas foi uma suspensão contínua. Dária não devia ter feito isto, ela era mulher de primo carnal meu, Dermi, o diretor do colégio. Mas aí, Lúcio entendeu, que naquele ano ele terminaria o ginásio e terminou mesmo, passou de ano com uma nota melhor do que a de Margareth”.

Como irmão, Lúcio era um transtorno: “Com as irmãs criava problemas tanto, tanto, tanto”.

Foto encontrada na carteira do pai, Gildásio, após seu falecimento



Acervo familiar

O temperamento forte do menino se revelava de várias formas.

“Comecei um tempo com um negócio, uma casinha de flores que eu fazia e tudo, enfeites de natal, pois no dia que ele entendia de não deixar abrir, não abria. Eu trabalhava para a lanchonete, trabalhava muito em flores, confeitava bolos, fazia surpresas, bordados, salgadinhos e tudo. Quem tomava conta do negócio eram as meninas e ele não deixava nenhuma ficar lá, só abria quando ele queria. E eu tive que vender, tive que fechar, porque não dava certo mesmo, podia matar de bater que não dava jeito”.

Antes de ir para Manaus, onde morou até o fim da vida, Lúcio foi para Brasília. Lá, um amigo o colocou para estudar, coisa que não durou muito tempo.

“Lá em Manaus também teve um tempo que tava bonzinho do juízo, comprou uma casa popular e estava pagando, mandou buscar a transferência dele do colégio e eu mandei. E ele estava estudando, daí a pouco deixa tudo, começa aquela briga danada com mulher, com filho, com vizinho, com tudo e acabou-se”.

Em 2005, ano em que esta entrevista foi concedida, dona Dalva afirmou:

“Agora em dezembro faz 50 anos. Eu já perdi a esperança dele tomar juízo, de agora em diante a tendência é caducar, não é mais tomar juízo não”.

Dona Dalva relata ainda sobre a vida amorosa do filho:

“Lúcio briga mais as mulheres e as mulheres mandam me dar queixa. Vou morrer sofrendo por causa de Lúcio. Cresceu assim, até hoje é desse jeito. Tem hora que fico assim: ó meu Deus se eu fico sem notícia de Lúcio fico preocupada, se ele me dá notícias, são essas as notícias. E assim tá minha vida, estou bem hoje porque as filhas, netos e netas não me dão trabalho”.

Ainda de acordo com a



Lúcio na juventude
Acervo familiar

entrevistada, houve um tempo em que Lúcio virou Batista.

“Esse tempo, enquanto ele frequentou a igreja, Lúcio e a família tava mil maravilhas. Levava todo mundo para a igreja, eu dizia: dou minha mão à palmatória para você. Você e suas irmãs que foram criados rezando para deitar, para levantar, pra comer, rezava terço em família e tudo, hoje ninguém me acompanha na igreja,

ninguém. Vou à igreja só, e você leva toda sua família para a igreja. Então, eu dou a minha mão à palmatória. Mas agora já largou a religião e está brigando com o mundo todo. Não tem jeito não”.

Lúcio tinha vontade de rever a família, especialmente a mãe, que foi a única pessoa de quem ele jamais esqueceu a data de aniversário. Dona Dalva, porém, cansada de tanto trabalho que o filho havia dado durante toda a

vida, foi dura, como sempre era quando precisava ser:

“A cidade é grande e não é minha, mas não venha esperando apoio meu e de seu pai de jeito nenhum. Não venha porque a gente não vai lhe dar apoio, porque uma vez ele veio, a gente deu todo apoio. Agora vai ser diferente. Aí quietou, diz que agora não vem mais não”.

Embora tenha dado essa resposta

ao filho, confessa que ficou muito triste em saber que ele não iria mais.

“Eu fico muito triste em saber que ele não vem, pois eu gostaria que viesse passear, mas contanto que não me desse contrariedade, porque a gente receber uma pessoa, um filho, já sabendo que vai dar aborrecimento sério, é melhor não receber. É curta a alegria da chegada, depois infelizmente é só problemas e eu sofro muito com isto tudo, porque ele é filho meu”.

Colegio de Jequitibá

Em 1939 o Mosteiro Cisterciense de Jequitibá foi fundado no município de Mundo Novo na Chapada Diamantina pelo Mosteiro de Schlierbach na Áustria, com a finalidade maior de divulgar a religião católica com padres professores austros. Na década de 1960, quando Lúcio estudou lá, o ensino primário e médio do colégio Jequitibá eram referência na região onde os monges até hoje entoam cânticos gregorianos, sendo uma atração turística.

Internato de Ponte Nova

Em 1906 uma Missão Presbiteriana dos Estados Unidos, através William Alfred Waddell, um dos fundadores do Ginásio Mackenzie e do Mackenzie College em São Paulo, fundou a Escola Americana de Ponte Nova na Chapada Diamantina. O objetivo maior desta escola era divulgar os conceitos do presbiterianismo. Possuía uma certa rigidez na formação de novos hábitos e comportamentos dos estudantes a fim de que adquirissem a auto disciplina com muitas atividade modeladoras do corpo e do espírito. Esporte e leitura diária da bíblia, ocupavam o tempo dos estudantes, era totalmente controlado com variadas atividades além do estudo. Nos anos 70, quando Lucio estudou lá, a Escola Americana já era conhecida como Instituto Ponte Nova e aceitava alunos e alunas de outras religiões.

De toda a herança hereditária do amor, comemoro aqui a vida ainda contida em mim, a ligação do cordão umbilical que só se rompe quando as duas partes se vão. Hoje é aniversário de minha Mãe, e ela continua viva!

Mesmo sem o movimento e a reverberação dos seus colóquios. A implacável saudade e as boas lembranças, desmascaram e matam a mentirosa e auspiciosa esperança, casta, sem presença, e sem gozos.

Mesmo não mais existindo ereta a presença dos átomos no vazio, ela se move na minha imensa alma, e divide comigo o meu fôlego, e convive comigo minhas razões. Tenho uma vida física, e paralelamente uma vida transcendente.

Minha Mãe está comigo. Não morreu em mim, e não precisa de nenhum recurso de bom senso para análise de realidades imediatas, já que os sentimentos, quando acentuam-se no córtex cerebral, como lembranças e saudades, ganham as novas dimensões do tempo, que são eternas enquanto há minha consciência.

Parabéns, D. Dalva, tão presente na imaterialidade de minha alma, primeira estrela do meu céu e constante na terra onde moro: Lhácara Estrela Dalva.

Deixe que os mortos enterrem seus mortos....



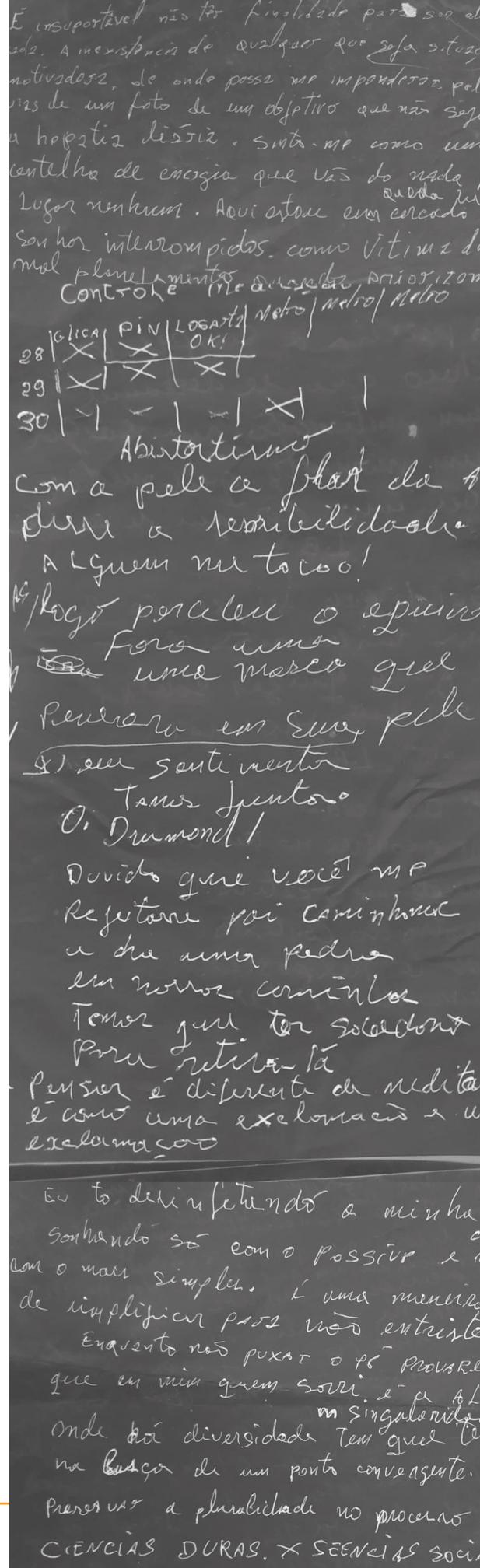
Lúcio em versos

Eu canto pra moço
 Porque sou lá do sertão
 E aprendi com o borracheiro
 A espantar a maldição
 O meu canto é veneno
 Pra quem não gosta de emoção
 Tem mel de cana caiana
 Pra adoçar sua atenção

Oi Drumond!
 Duvido que você me rejeite
 Caminhamos juntos
 Têm muitas pedras em nossos
 caminhos
 Tenhamos sabedoria para
 retirá-las.

A poesia é
 sempre verve
 Um cheio que se derrama
 Um sentimento que sangra
 Um momento que media
 Ou uma dor que
 se esvazia

Rascunhos encontrados na casa de Lúcio



Me achei!
 Tem que me procurar



Escreveria um poema ético
 Pra você, com quem tenho me
 descontentado
 Regado à vinho em dois barris
 carvalho
 Mil garrafas de cerveja
 Queijo do reino e faisão
 grelhado
 Mas, como não bebo mais
 Fique com o vinho, a cerveja
 O queijo e faisão grelhado
 A verve é minha,
 e o poema é puro
 Não lhe é recomendado

O coro de sapos
 Que cantam nos lagos desse
 chão
 Não são igual aos dos sapos
 Que cantam nos lagos do meu
 sertão
 Sapo que canta aqui
 Tem um canto de explosão
 E o do lado de lá
 Tem outra entonação
 Cada sapo com seu canto
 Cada canto com seu chão
 Cada canto com seu lado
 Cada lado uma razão

Pai Ausente

Por Débora Macedo

Se enquanto músico, Lúcio era brilhante e causava fascínio à plateia, enquanto pai, deixou a desejar. “Povoar a Amazônia foi fácil, difícil foi manter o tanto de filho que colocou no mundo”, afirma, Rozames, com quem teve três filhos.

Rozames foi a única das cinco mulheres com quem Lúcio teve filhos, que conseguiu que ele fosse minimamente presente na vida dos mesmos. Com o “sangue de índio”, que tantas vezes foi acusada (como se fosse motivo de vergonha), de ter, Rozames impunha a presença dos filhos na vida do ex-marido, mesmo que com isso tenha tido que algumas vezes abrir mão do convívio com os três (Raoní, Lúcio e Larissa), que apaixonados pelo pai, choravam para ter a sua companhia na infância.

Foi assim que, aos 3 anos, Larissa teve sua primeira viagem para a Bahia, acompanhada somente do pai. A família, que na época, o considerava totalmente incapaz de arcar com os cuidados com uma filha, ficou impressionada a dedicação de Lúcio à sua ‘Lakinha’.

Raoní e Lúcio, igualmente,

negavam-se a abandonar a barra da calça do pai. De alguma forma os três eram intimamente ligados a ele. Fosse pela insistência de Rozames em manter os filhos na vida do pai mesmo depois do fim do casamento, ou pela ludicidade da relação que ele nutria com os filhos. A relação na infância foi afetuosa, tornando-se conflituosa ao longo da juventude.

Pablo e Gil foram os primeiros filhos que sofreram com a ausência de Lúcio. Não que tenha sido desde o início da paternidade um pai ‘desnaturado’, na verdade Lúcio tentou fugir com o filho mais velho, Pablo, de quem não queria apartar-se, mas teve a polícia no seu encalço, e acabou por devolver o primogênito ao convívio materno. Rebelde, como os jovens da sua época, resolveu seguir, mesmo com a ausência do filho a quem tantas vezes confidenciou amor.

Binho, como carinhosamente é chamado pela família, conta sobre as primeiras impressões sobre o pai:

“Na minha infância alguns primos que conviveram com painho diziam que ele era um cara muito generoso, uma pessoa muito boa, um líder nato. O tinham como alguém que sabia cativar, que tratava as crianças com respeito, conversava e as ouvia. Todos eles tinham uma admiração carinho muito grande por ele”.

O primogênito complementa ainda que as coisas que ouvia lhe causavam um certo fascínio. Ele achava

que o pai era o máximo, e queria muito conhecê-lo. Por ironia do destino, vinha a ser o filho “deixado” em Ibititá (BA), o que mais se assemelhava a ele, olhar no espelho era certeza de enxergar o retrato do pai. Pablo possuía não só a aparência física, mas os traços de Lúcio, com quem nem mesmo convivera, e fora diversas vezes confundido com o próprio, tamanha a semelhança.

Larissa diz que no ano em que foi morar com sua avó, em 1999,

seu irmão Ihe era como a presença do próprio pai, ansiava pelos dias em que ele estaria na cidade. Não por acaso, foi ele quem a acompanhou até o altar no seu casamento, na impossibilidade da presença de Lúcio. Pablo Ihe era como um galã, e Larissa sentia-se agraciada por ser sua irmã. Se faltou a Pablo a presença do pai, toda a família paterna tratava de tentar nutrir essa ausência de maneira a Ihe proporcionar todo o amor, cuidado e carinho aos quais um primogênito estava destinado.



Pablo em ilustração

Ainda sobre os fragmentos da presença do pai, quando finalmente esteve com ele, o filho mais velho descreve:

“Eu lembro da primeira vez que o encontrei, eu tinha entre 6 e 10 anos, nem mais novo que isso, nem mais velho que isso. Foi na feira de arte e cultura de Irecê. Era um evento grandioso que acontecia todos os anos na cidade, no calçadão em frente à prefeitura. Vários artistas locais e

do território se apresentavam, tinham seus stands com quadros, artistas plásticos, cantores, repentistas, poetas, e tinha um palco principal. Nessa noite meu pai foi uma dessas atrações principais, e tinha muita gente lá para acompanhar, para ver o retorno de Lúcio Bahia à sua cidade. E eu estava lá. Do lado dele, no palco com ele, tendo todo uma visão privilegiada e diferenciada que eu nunca tive na minha vida, até então. Em cima do palco, vendo a montagem, passagem de som, todos aqueles equipamentos que me eram novidades. Ali eu fiquei extasiado né? Foi o primeiro momento que eu tive com meu pai, fora as cantorias e as apresentações que ele fez sem ser na feira de arte e cultura”.

Depois disso, anos se passaram até que houvesse uma nova aproximação, o que anulou as fantasias da infância, e deu lugar às suas próprias ideias da ausência que vivera. A falta de convívio, longe de ser algo a ser romantizado, é algo avassalador na cabeça de uma criança, e sobre os sentimentos, muitas vezes contraditórios, tornam-se até difíceis de serem definidos.

“Meu pai me despertava um misto de sentimentos. Algumas vezes eu queria ter raiva, eu queria ter rancor, mas eu não conseguia, noutras eu também queria ter carinho, queria ter afeto, mas também não conseguia. Acho que o tempo e a distância se encarregaram de ditar o relacionamento entre eu e ele: Não dava mais para ter carinho, não dava mais para ter amor, mas

também não cabia raiva e nem rancor. Acho que ficou indiferença mesmo”.

Gil, por outro lado, por morar longe da família paterna, foi quem menos convívio teve, não só com o pai, mas com os parentes que lhe eram totais desconhecidos, com excessão, da tia, Débora Geane, de quem é afilhado e com quem sempre manteve contato.

Não parou por aí o rastro de ausência paterna deixado por aquele que se propôs a aumentar a sequência genética dos Dourado, fato do qual, sua irmã Geane afirma que ele se orgulhava muito. De acordo com ela, Lúcio havia dito que podia não ter feito nada grandioso na vida, mas que tinha levado o DNA da família Dourado para o Amazonas. E creiam: era de fato um motivo de orgulho para ele, afinal, a família exercia grande influência no interior da Bahia, dando nome a monumentos, ruas, avenidas, praças, hospitais e até mesmo ao estádio da cidade.

Como herança da “povoação” (Lúcio havia dito que iria povoar a amazônia, em certa ocasião), a raspa do tacho ainda veio com Renato Lúcio, filho que teve com Renata, durante o pior momento da sua vida, quando recém separado vagava pelas ruas de Manaus como um errante.

Conhecera Renata no ponto de ônibus, quando em posse do único carro que lhe restara após o fim do casamento, lhe ofereceu uma carona. A partir daí, a moça que tinha mais ou menos a idade da sua filha Larissa, passou a ser sua

namorada. Menina de origem humilde e apaixonada pelo ainda galante cantor, experimentou momentos difíceis na vida para viver essa paixão da juventude, tendo Renatinho como fruto dessa fase.

Renatinho cresceu longe do pai, mesmo que vivesse na mesma cidade. Sua mãe, com todo o orgulho de mulher ferida, não ousou procurar pelo genitor, desde a primeira recusa a ajudá-la na criação do pequeno. Foram os irmãos, Raoní e Larissa, que já recentemente garantiram alguma ajuda ao menor, sempre que lhes era possível.

Sandra, Lívio e Mateus, não tiveram destino diferente, embora a ausência tenha sido em um primeiro momento, uma imposição materna, na tentativa de defender seus filhos do que ela acreditava ser um convívio ameaçador, os três cresceram tendo uma imagem equivocada do pai.

Lúcio tinha pelos três um amor singular, se a música em maior parte da vida lhe foi como ele mesmo dissera, a própria água, o trio que tivera do casamento com Geny, lhe era o próprio ar. Se orgulhava da inteligência do Lívio, que aos três ou quatro anos de idade tinha uma opinião sobre a guerra que acontecia entre os EUA e o oriente médio. Se via no pequeno Mateus, que nervoso, arremessava objetos da casa furioso, quando era contrariado. Se orgulhava de Sandra, sua menina que desde cedo ganhava concursos de beleza. Aos três foi oferecido a melhor parte da sua vida: a vida religiosa, a farta vida financeira, os cachorros com pedigree, os pássaros adestrados, os carros, os viveiros,

os aquários com todos o elenco de Procurando Nemo. Toda a bonança que a vida lhe proporcionou foi oferecida à sua mais recente família.

Essa ausência, não se pode dizer que foi fruto da sua vontade. Se em primeiro momento lhe foi imposta, posteriormente os próprios filhos lhe tinham como estranho. Sendo muito pequenos na época da separação, não tinham lembranças, e pouca afetividade restava. Lúcio durante muito tempo não fez questão de reverter a situação, como menino mimado, e como bem lembra Rozames, “ele acreditava que o mundo tinha sido mau com ele”, acreditou que os filhos tinham escolhido a mãe e o preterido.

Fato é, que ao longo da vida, Lúcio teve o nome na certidão de nascimento de dez filhos, mas efetivamente não teve participação memorável na criação de nenhum deles, sendo os filhos de Rozames, os que “não largavam o osso”, mais precisamente Raoní e Larissa, que entre trancos e barrancos, estavam sempre presentes, fosse para discordar, acolher, brigar, ouvir ou cuidar.

Não se pode negar, no entanto, o estrago avassalador que a ausência paterna causou na vida de tantas crianças. Se Lúcio considerou que viveu para a sua arte, era da sua música que falava, não dos filhos, que ostentava com orgulho, serem sua maior herança na terra: a continuidade genética dos Dourado.

Quando o orgulho está em causa, a memória prefere ceder.

(Em conversa sobre o próprio orgulho)

A palavra nada mais é do que uma sensação sonora, tentativa da expressão literal do que sentimos. Os sentimentos desafiam as palavras.

(Sobre tentar colocar em palavras tudo o que sentia)

Qualquer artista que se propõe a ultrapassar o limite do que é, já é um condenado.

(Sobre como sentia a sua própria vida)

Compreender o nome das coisas talvez seja melhor do que saber o que elas são. O que moveu o mundo foi o valor da verdade e o pós-verdade – toda verdade é de alguém e se baseia na mentira.

(Divagando sobre a verdade)

O fundamento da nossa vida é, portanto, a fé. Não a fé religiosa. Se Deus é intangível, a arte é a condição de existência da vida e da fé. O intelecto é apenas ilusão.

(A respeito do sentido das coisas)

Quero esclarecer que nunca a saúde de quem quer que seja foi tão importante. Abençoado o que se sacrifica em benefício de outrem.

(Sobre a pandemia de COVID-19)

A razão é o que faz os homens brigarem entre si para se sobreporem e afirmarem a sua superioridade um sobre o outro. Diante disso, nos flagramos em um déficit psicológico e total incapacidade de ir para esse enfrentamento.

(A respeito de debates infinitos e razão)

Onde há diversidade tem que ter compatibilidade, na busca de um ponto convergente e do ponto conclusivo. É preciso preservar a pluralidade no processo criativo.

(Sobre criar)

Embora a tecnologia já tenha mudado muito a nossa forma de vida, os nossos conceitos ainda não foram atualizados.

(Sobre, segundo ele, o pensamento pequeno)



Fases e faces da vida

Por Débora Macedo

A alma do artista tem um tanto de equilibrista, percorrendo caminhos de toda uma história em cima de uma corda, bambeando para um lado e para o outro, caindo e subindo na corda novamente, para tentar atravessar fases avessas da vida. Também é um tanto malabarista, jogando para cima um objeto, para que as mãos fiquem livres para agarrar outro, que no momento lhe seja mais oportuno.

A persona do artista, seria meio como a de um protagonista que não segue roteiros. Um protagonista que bem dizendo, não recebe os roteiros para a atuação, e por isso faz de toda a sua trajetória um árduo ensaio, se equilibrando algumas vezes, e perdendo totalmente a estabilidade noutras. O artista-equilibrista-malabarista muitas vezes perde-se entre o autocontrole e os malabares, e acaba com as mãos vazias, esperando que qualquer oportunidade nova lhe caia do céu para um novo ensaio.

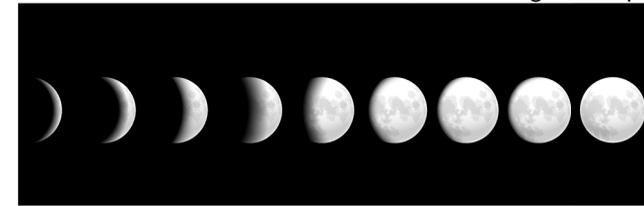
Se houve um período de tempos áureos na vida do Dourado Lúcio, a

miséria também esteve presente em determinado momento. Enquanto brincava com os malabares e se equilibrava na corda, tudo o que lhe era caro e precioso lhe foi tirado das mãos. Em um novo arremesso aos céus, lançou para o alto tudo o que lhe era precioso, e nada retornou para que pudesse alcançar. Viu tudo o que havia construído nos últimos anos ser levado pelo fim do seu casamento. O convívio com os filhos mais novos, com a esposa que lhe era amada, tudo se foi, deixando apenas a sombra dos seus erros, o que trocou seus sonhos por pesadelos, e o sono já não lhe era bem vindo, pois enquanto dormia, já não sonhava.

Há quem diga que mais importante que ir, é ter para quem voltar. Se por um lado, findaram-se as longas noites de trabalho na gráfica que ele montara e mantivera por alguns anos, também não havia mais para quem chegar, não havia mais a sua plateia preferida composta pelos filhos caçulas, não tinha mais para quem interpretar os personagens dos desenhos animados, não havia mais a quem pedir cinquenta centavos de massagem, ou quem beliscasse o seu cotovelo enquanto chupava o dedo. A vida parecia ter lhe escapado inteiramente das mãos.

Pessoa bem disse: “o poeta é um fingidor. Finge tão completamente, que chega a fingir que é dor, a dor que deveras sente”, e assim, fosse nas ruas ou em casa, a sua tragédia momentânea era abafada pelo som da sua gargalhada: forte, intensa, única. No entanto, a vaidade que outrora vestia a vida e o corpo de

Banco de imagens freepik



Fases da Lua

Lúcio lhe foi brutalmente arrancada pela incapacidade de prosseguir, como Sansão que teve sua força arrancada com o corte dos cabelos, a força de Lúcio se esvaía com a ausência da sua família.

Não demorou para que voltasse a um mundo que conhecera na juventude. Contemplava o seu imaginário enquanto alimentava seu corpo do vício em drogas e álcool. Perdeu a noção da realidade e da vaidade. Se antes tinha viveiros tão grandes que podia caminhar dentro deles enquanto alimentava seus pássaros, nessa fase da vida dormia nas ruas, nas praças, em qualquer lugar onde estivesse quando o corpo exausto não pudesse mais ficar de pé.

Pablo, o filho mais velho, relembra essa fase da vida do pai:

“Quando a vida dele em Manaus começou a decair, com os conflitos que estavam acontecendo entre ele e a família dele de lá, a esposa dele na época, Geny, achou que me ligando, talvez eu pudesse ir lá resolver. Mas foi uma ideia fantasiosa, que não se concretizou, e a derrocada dele aconteceu. Ele viveu os piores anos da vida dele nesse período. Não cheguei a ir à Manaus, mas acho que foi a pior fase de todas. Ele chegou até a viver na rua durante muito tempo e isso causava uma preocupação enorme na minha avó.”

Ela falava comigo e chorava muito.

Foi nessa fase da vida que conheceu Rodrigues Júnior, que veio a ser um de seus grandes amigos. Júnior relata que ao acordar e olhar na janela “tinha um cara tocando violão de um jeito bonito e diferente”, o som da música aliou-se à saudade que ele sentia naquele momento e fez com que a relação dos dois fosse desde o início de extrema amizade e afeição. Dona Regina, mãe de Junior, gostava de ouvir Lúcio cantar, e esperto como era, ele tratava de chegar com a viola na hora do almoço, assim lhe era possível alimentar a barriga enquanto dona Regina alimentava a alma.

Junior descreve com devoção a capacidade de Lúcio de mudar de vida. Depois de um tempo fora de Manaus, quando o reencontra cantando em um famoso bar manauara, reconhece o amigo, agora bem vestido e estiloso, com a aparência bem cuidada, totalmente diferente do homem que ele conhecera em situação de rua, que já fora o que ele descreve como “um cara muito louco, mas com um incrível potencial de mudança”. Lúcio, que antes andava tal qual a música de Luiz Melodia, “levando um violão, debaixo do braço”, parando em qualquer esquina, entrando em qualquer botequim e usando qualquer motivo para as suas composições, agora não bebia, não fumava. Continuava levando a sua vida artística, mas agora podia voltar a cambalear pela corda na qual passou um tempo sem nem mesmo subir.

Pintor da vida

**Autores: Lúcio Bahia/
Raoní Macedo**

O Pintor da vida está ficando
pra trás
A cidade arde e vive fugaz
Vai girar, vai girar, as matas, os
rios, montanhas e mar
E assim como tudo que existe
por cá
E assim como tudo que existe
por cá

O Pintor da vida ficou pra
dourar
Pra pintar auroras e recrear
Nascer os dias, bordar arco íris
no ar
E acordar Larissa do lado de lá
E acordar Larissa do lado de lá

O Pintor da vida banhou os
Dourados
Da Madeira a Bahia, aquarelou
no sertão
Rascunhou alegria, tracejou
emoção
E assim fez poesia em meu
coração
E assim fez poesia em meu
coração

O Pintor da vida pintou pra
chamar
De rosa as Rosas e mel
De vinho açai bem ralinho a
barra do céu
E a cor de Larissa do lado de lá
E a cor de Larissa do lado de lá

Ouçá esta canção na voz de Raoní Macêdo



Vovô Painho



Acervo de família

Lúcio com o neto, Ariel, cantando a música "Tereré té tel"

Por Débora Macedo

Ariel é, sem dúvida alguma, o que pode-se chamar de um privilegiado. Nasceu e cresceu cercado de amor, embora ele próprio, no auge da adolescência seja incapaz de reconhecer o privilégio que lhe cerca. Se lhe faltou, enquanto presença masculina, a presença do pai e da família paterna, seu tio Raoní, seu avô Lúcio e o padrinho de sua mãe, Chico, se revezavam em saciar toda a sede de amor que de outro lado lhe era omitida.

Ferrenho defensor do avô, o primeiro neto homem de Lúcio, quando perguntado sobre os defeitos do seu avô, declarou que ele não tinha defeitos, e que tinha dele as melhores lembranças. O pequeno nos conta ainda uma das lembranças que tem de seu avô, quando aos 3 anos o mesmo lhe levou para passear na cidade, voltou depois de uma maratona de visitas em botecos, e afirma que esse foi um dos melhores dias da sua vida.

Ariel sempre nutriu pelo avô, um amor paternal. Ainda pequeno,



a primeira maneira que aprendeu a chamar por Lúcio foi chamando-o de 'vovô painho'. Seu pai se enfurecia ao ouvir a expressão, não compreendia que 'vovô' era o que Ariel entendia que Lúcio era, e 'painho', era como ele ouvia a sua mãe chamá-lo. Criou-se, portanto, o vovô painho.

Por outro lado, em total reciprocidade ao amor do neto, Lúcio não se furtava a agir como o vovô querido que seu neto o considerava. Ao avistar o neto sempre seguia-se um intenso: "Wel, Wel, Wel", em rima ao nome do neto, ou a canção que cantava para o neto amado: "Tereré té tel, tereré, té tel, eu sou um coelho, que gosta de couve, que gosta de histórias, que bicho sou eu? Coelho Ariel". E pela canção, também o chama de "meu coelhão".

Certa vez, Ariel, que já nasceu conectado, deixou um recado no Facebook do avô: "Vovô, o senhor pode plantar um pé de tangerina pra mim?". Não deu outra... anos se passaram e Ariel pôde provar o fruto doce do pé de

tangerina plantado pelo vovô painho.

A partida do avô lhe foi uma ruptura cruel ao amor que ele recebera. Sua mãe costuma dizer que conhece exatamente o privilégio com o qual seu filho foi agraciado. Morou com os avós paternos, com quem construiu uma relação intensa de amor e afeição, por isso reconhece exatamente os sinais de amor plantados no coração do seu filho pelos seus pais, Lúcio e Rozames.

Ariel ainda hoje se recusa a visitar o sítio do avô, não conseguiria chegar lá sem chorar, e nem mesmo as tangerinas têm o mesmo sabor de quando seu avô colhia. Seu quarto é repleto dos livros que seu avô possuía, lembra-se com orgulho de perguntar ao avô sobre o que era o comunismo, e quando sua avó o repreendera, explicou: "Meu avô pode me explicar como quiser, e depois eu tiro minhas próprias conclusões." Ariel é um Dourado da gema, e orgulho do seu finado vovô, como seria da também finada bisá Dalva, por quem foi igualmente amado.

Acervo familiar



Ariel recebendo o beijo carinhoso do avô

Acervo familiar



Ariel e Lúcio na última apresentação que Ariel presenciou do avô

Guardião do Largo

Autor: Lúcio Bahia

Eu e a esperança no largo
Na estação de ver a vida como
passa

As duas faces da verdade
Em cada rosto dois lados do
mesmo ser

Um bonde parado é sem graça
É claro o motorneiro ainda não
veio
O motorneiro é São Sebastião

Tacacá na cuia, Pirarucu de
casaca, moleque só de calção
Tubo de cola escondido pela
camisa de um mero político
Enrolada na mão, um paradoxo
na cultura
Chôro menino tão sentido pois
perdeu pro grande céu, seu
lindo balão

A manauara linda arranca
suspiros quando passa
Planta canções em meu coração

Uma beleza índia cruza o largo
passo a passo
Contrasta com o geométrico
chão

Até o Armando viu, mas quem
viu primeiro foi São Sebastião
E o Chiquinho pipoqueiro, se
faz parceiro do ar

Lança seu cheiro de pipoca,
quase todos que cheiraram
quase todos
Querem pipocar...

Tacacá na Cuia, Pirarucu de
casaca, moleque só de calção
Tudo de cola escondido pela
camisa de um mero político
Enrolada na mão, um paradoxo
na cultura
Chôro menino tão sentido pois
perdeu pro grande céu, seu
lindo balão

Ouçã esta canção na voz de Lúcio Bahia



ECOS: Minha voz, tua voz

Por Débora Macedo

Magno (o grande) Raoní (chefe de tribo), recebeu o nome ao qual o seu futuro o destinava. Terceiro filho de Lúcio, mas o filho com quem mais conviveu, Raoní cresceu conhecendo todos os acertos e tropeços do pai. Na infância, por mais traquino que fosse (e o era muito), não conseguia chegar perto de quem o seu pai fora na infância.

Os pais sempre são receosos ao afirmarem que tem aquele filho que lhes é mais querido, negam a si mesmos a predileção por um ou outro, são incapazes de consentir que podem amar mais um filho do que ao outro. Raoní, no entanto, certamente era o filho do coração de Lúcio. Talvez não tenha sido, durante toda a vida, no entanto, o fato de passar a depender totalmente da devoção desse filho, embora se tornasse conflituoso, os aproximou de maneira singular.

Raoní se irritava com frequência, não por falta de amor ao que lhe dera a vida, mas por não aceitar a condição a

qual seu pai se limitava. Gostava da ideia do pai empresário, bem sucedido, do pai que o apoiou em todos os aspectos: emocionais, morais, financeiros e, quando aos 17 anos, recebera a notícia de que seria pai.

Ver seu pai entregue aos vícios o devastava. Queria, por força bruta, ver o pai se reerguer, fato que nunca acontecera totalmente. Se Lúcio encontrou sua quietude na chácara Estrela Dalva, propriedade comprada em sociedade com Raoní, era necessário, para o filho, torná-la produtiva, capaz de reerguer seu pai em todas as perspectivas.

Lúcio, porém, estava longe do auge da sua juventude e força física, não possuía mais a energia e vivacidade necessária para cuidar de tantos hectares de terra que sua herança materna e a sociedade com o filho lhe proporcionara. Filhos, no entanto, sempre enxergam os pais como heróis, são incapazes de pensar que eles têm limitações físicas ou emocionais. Afinal, se os pais são falhos e limitados, quem seriam os seus heróis?

Muito foi investido na propriedade que levava o nome de Dona Dalva, a vivaz estrela da família Dourado. Pouco, no entanto, colheu-se de frutos. A terra era fértil, quase tudo o que se plantava, dava. No entanto, tarefa para uma equipe de trabalhadores que a dupla de pai e filho não possuíam. Passou a ser, portanto, suficiente para o cultivo livre de agrotóxicos que abasteciam o próprio consumo e entregas seletas a clientes que Lúcio conquistara, para



Raoní com o pai, já na fase final da vida de Lúcio

frustração de Raoní.

Lúcio tinha verdadeira adoração pelo filho e orgulho também. Todo o sucesso profissional que Raoní obtinha, ele atribuía à boa criação que ele lhe proporcionara, pensamento fruto de seus devaneios acreditando ter sido um pai exemplar. Lúcio chegara a afirmar que o sucesso profissional de Lúcio (filho) e Raoní, se deviam ao fato de tê-lo criado, ele mesmo, e que Larissa

ainda não era ninguém na vida por ter sido criada na maior parte da vida pela mãe, Rozames. O orgulho dos filhos inflava-lhe o peito!

Raoní, durante a maturidade da vida adulta, se resignou a prover o sustento do seu pai. Desde a pasta de dente ao vestuário, tudo acabava por ser responsabilidade do 'grande chefe de tribo'. Também não lhe era incomum que recebesse pedidos

de ajuda vindo de todos os irmãos e até mesmo da ex-esposa do seu pai. Pedidos aos quais atendia de maneira furiosa (afinal queria que todos fossem independentes), mas sempre sem se opor à responsabilidade que ele mesmo se impunha, como "irmão mais velho", presente. Como ele mesmo afirmou em completo descontentamento, certa vez: a família era uma sangria sem fim. Mas não era diretamente sua família, mas a família que seu pai instituíra, a qual ele abraçou como sua, assumindo toda a responsabilidade de um patriarca.

Embora tentasse demonstrar-se rígido e imune às chantagens emocionais do seu pai, ele e sua esposa, Cleide, mantinham profunda preocupação e cuidado para com o sempre reclamão e insatisfeito Lúcio. Quem de longe conhecesse, achava que Lúcio era um renegado da família. Mal sabiam de todo o cuidado e atenção que o casal destinava ao velho Bahia.

Raoní, sempre atento ao pai, embora o mesmo não reconhecesse, foi, como em toda a vida, o filho mais devotado. Se Larissa era incapaz de contrariar o velho, e Lúcio impunha limites ferrenhos, Raoní era o que mais bradava, e o que mais se curvava às necessidades do pai.

Na sua doença não foi diferente. O trio preocupado com a saúde do pai era formado por Raoní, Larissa e Sandra. Não mediram esforços ao contratar fisioterapeuta, conseguir cilindro de oxigênio (em plena pandemia de covid-19), para que o pai tivesse tratamento adequado em casa.

Raoní deixou aflorar todo o amor que sempre nutriu pelo pai, sem mais o contestar, devotando-se apenas ao cuidado do, agora, tão fragilizado Lúcio. Pela parte do pai, não foi diferente. Era constante em mandar mensagens para Larissa, a filha que estudava distante, querendo destacar o quanto era grato por todo o cuidado e amor que o filho Raoní vinha lhe dedicando. Gratidão parecida, demonstrou à filha Sandra, de quem sentiu longos anos de saudade.

Se a vida de Lúcio foi menos difícil e se ele teve o mínimo de dignidade em seus últimos anos, sem dúvida alguma, isso se deve ao seu filho, Raoní, à sua sempre presente nora, Cleide, que jamais se furtou às necessidades da família do seu esposo. Raoní, ainda pequeno demonstrava os sinais do amor incondicional que dedicava ao pai. Rozames, sua mãe, conta que sempre que Lúcio viajava a trabalho, para tocar em navios, Raoní delirava de febre chamando pelo pai.

Raoní herdou não apenas os filhos do seu pai, acolhendo-os como filhos dele próprio, mas a genialidade musical, a potência vocal, o dedilhado dos acordes e o timbre inesquecível de Lúcio. Raoní, certamente é uma voz que ecoa a voz do seu próprio pai, a figura a quem dedicou-se do modo mais intenso que um filho pode se doar. Reconhecedor de todos os erros do pai, ainda assim foi incapaz de recusar-lhe toda a afeição que seu coração ansiava em ofertar àquele que lhe foi durante toda a vida, tão amado.

Entrelaços - Nega Geane

“Nega, negue ser o que já não somos mais. Nossos caminhos sempre foram de relativos para iguais”. Lúcio Bahia

(Trecho de uma canção de Lúcio em homenagem à sua irmã, Débora Geane.)

Na infância, seu principal papel na vida do irmão era vigiar, cuidar e entregar os incontáveis mal feitos. A convivência forçada, de modo a dar conta de tudo o que seu irmão fazia, tornou-os cúmplices. Distante de ser uma relação puramente romântica, afinal, nenhuma das relações de Lúcio teve apenas uma vertente, suas relações eram intensas, expressivas, conflituosas, um reflexo do que ele mesmo sempre fora em vida. Geane era mais que irmã, era a companheira de Lúcio. Juntos, brincavam de espada, de luta (nas quais muitas vezes ela saía machucada), de tiro ao alvo, boi, bang-bang, de esconde-esconde e até mesmo de boneca quando estavam sozinhos.

Apartetristedessaintensarelacão de amizade, é que ele tinha tanto ciúme da irmã, que a impedia de ter outras amigas, e mesmo suas bonecas de pano tinham que ser bem escondidas, pois ele jogava todas na privada. Se Geane achasse uma nova amiga, logo Lúcio a botava para correr. Até os 06 anos de idade, além do irmão, Geane conseguiu apenas uma amiga, Alzinete, que tão

tinhou quanto o menino travesso, o encarava de igual para igual. A pirraça era tanta, que na infância e adolescência era um alívio grande quando os dois se separavam. Quando Lúcio partia para os colégios internos ou para a casa dos avós paternos, a paz reinava, afinal, onde ele estava, só ele mesmo podia reinar. Por outro lado, também era estimulante para ele, quando a sua ausência se devia ao fato de estar na casa de seus avós Avelina e Jaime, em Ibititá (BA), pois ali ele reconhecia um verdadeiro lar, era acolhido, amado e obediente à sua vovó Avelina. Se quando em casa com os pais e as irmãs, era uma tensão permanente, com a avó seu comportamento era completamente diferente.

Apesar do companheirismo entre os dois, Geane não escapou do comportamento muitas vezes agressivo da juventude de Lúcio, diversas vezes escapou com vida dos ataques de fúria inexplicáveis do irmão, que causava desgosto na mãe, com seu comportamento lamentável.

Dona de uma generosidade ímpar, o amor de Geane, transitava entre o

fraterno e materno, deixando-a disposta perdoar o irmão que lhe pedia desculpas copiosamente, principalmente quando bebia.

“Eu, sinceramente, o perdoava. Até hoje busco entender o que levava meu irmão a ter este comportamento, e sempre culpo o urso. Antes do urso ele era muito traquino, mas não era violento”.

Nem tudo foi ruim, apesar de ser o terror das irmãs, Lúcio colaborou com o desenvolvimento de sua querida Nega Geane, como ele carinhosamente a chamava. Sua irmã, tinha uma certa dificuldade com a fala, algo que chega a ser imperceptível, pois é mais notável a mulher que embora humilde, é culta e inteligentíssima. Não por acaso possui três diplomas. Dona Dalva, mãe dos dois, no entanto, contava que de fato Geane aprendeu a falar com Lúcio, que era um ano e meio mais velho que ela, como uma clara alusão à importância que Geane atribuiu ao irmão sobre seu desenvolvimento quando criança.

Tão intensa era a relação dos dois, e tamanha a identificação que um tinha com o outro, que em seu primeiro emprego com carteira assinada, Geane economizou o máximo que pôde e nas primeiras férias viajou da Bahia para o Amazonas, para visitá-lo e conhecer a sobrinha que levava seu nome (Débora), e seus sobrinhos. Lúcio sempre falou da irmã com muito carinho.

A saudosa irmã relembra com carinho e saudade a proximidade dos

dois. Se ela saísse de casa para ficar distante dele, não adiantava.

“Já adultos iniciamos um convívio mais equilibrado de irmão para irmã, uma nova etapa no nosso relacionamento”.

Lúcio era muito danado, como dizia o seu pai: “desobediente, impossível, insubordinado, intransigente”. Essa era a maneira de seu Gildásio xingar, no entanto, Geane fala sobre as habilidades do irmão.

“Hiperativo com certeza, mas seria um excelente trapezista, iria se realizar no slackline o que lhe daria muito equilíbrio para a vida. Lembro-me de ver Lúcio correndo pelos muros de Piritiba como se estivesse em um chão plano. Também poderia ter se dedicado à música desde criança e seria um prodígio”.

Seria um prodígio, até porque recebeu educação europeia em Jequitibá, com os monges austríacos, escutando cantos gregorianos todos os dias, estudando latim, praticando horticultura e estudando bastante. Posteriormente, no colégio estadunidense em Ponte Nova, desenvolveu o hábito do qual jamais se afastou: a leitura. Lúcio sempre foi um ávido leitor. Na base da sua educação o aluno era forçado a ler, todo o tempo era preenchido, quando não estudava e lia, praticava esporte.

“Desenvolver o hábito da leitura era



o objetivo maior nas escolas que Lúcio estudou. Estes internatos eram caríssimos. Eram onde os filhos de fazendeiros e de médicos estudavam. Mãe trabalhava duramente para pagar estes colégios, que exigiam enxoval com as iniciais do nome bordadas em cada peça, com vestimenta para cada modalidade: esportes, canto, aulas em sala”.

O comportamento dissonante descrito pelo pai de Lúcio, bem como todo desequilíbrio emocional e psicológico vieram depois do episódio do ataque do urso. Se existiam antes, foram acentuados intensamente.

“Em Piritiba, Lúcio não batia em mim, nem nas minhas amigas. Maltratava, sim, as nossas bonecas. E brigava muito na rua, mas era comum naquela época o ‘rolo’ de meninos que se atracavam nas ruas e eram rodeados por pessoas que torciam pelo seu favorito. Quando eu via, saía correndo para chamar mãe e ela despartava.

Concluindo: antes do urso ele era danado, expulso das escolas, pois ele seguia as suas próprias regras, as da sociedade jamais. Depois do terror sofrido nas garras de um animal selvagem, a vida ficou difícil para ele e para toda família”.

Um fato positivo de ter um irmão brigão é que nenhum menino ousava tocar a mão em Geane. Naquela época o machismo era intenso, mesmo nas crianças, e alguns meninos tinham por hábito perseguir as meninas.

As diferenças entre Lúcio e irmãos eram fortes, a Geane relembra que ele gostava de relacionar-se com a boemia, com a plebe rude, onde se sentia muito confortável. E assim continuou até o fim da sua vida, passeando entre os dois mundos sem deixar a desejar em nenhum deles.

Saindo da adolescência, pegaram a estrada, cada um com um destino diferente, e viveram toda aquela loucura da década de 70 longe da terra natal. Encontravam-se em Salvador e até mesmo em Bom Jesus da Lapa, onde ela morou, viagem aliás, de onde veio seu segundo filho, Gil Nirvana, fruto de um relacionamento com enfermeira Lúcia, amiga de sua irmã.

Ainda jovem, Lúcio demonstrou uma habilidade natural de liderar. Quando adulto, podia ser tido como um filósofo, se não lhe faltasse a inteligência emocional. Sempre dominado pelas emoções, esse era o fator predominante que culminava no seu total desequilíbrio.

“Havia também uma excessiva vaidade, orgulho também. Não sei, posso estar errada... E se fosse acostumado a trabalhar desde criança, como as irmãs dele foram, teria mais responsabilidades com si próprio e com as pessoas queridas em volta dele. E se tivesse feito terapia, poderia ser mais manso e mais feliz”.

Apesar de tudo, Geane amava a companhia do irmão no Jardim Florestal Jatobá, de conversar e principalmente gargalhar com ele. As visitas que fazia Jardim Florestal Jatobá, reserva florestal onde hoje vive sua irmã, eram motivos de alegria, e nunca tiraram a sua paz.

“Para a maioria das pessoas Lúcio era cativante, alegre, com uma prosa agradável, se comunicava com todo mundo, fazia amizades rapidamente, essa seria a definição geral sobre a pessoa de Lúcio. A minha é imprecisa. Fato é que eu adorava ouvi-lo cantar quando ele contava aqueles casos que a gente dava muitas gargalhadas juntos. Eu tenho saudade da companhia dele e principalmente da memória dele. Lembro-me pouco da minha infância. Lúcio se lembrava de tudo”.

Além disso, Geane tem certeza que muitas pessoas além da família amaram profundamente Lúcio, mas o irmão, desde criança era muito guloso: sempre queria mais. Sempre desejando algo mais, nunca satisfeito, queria do bom e do melhor.

Lúcio sem dúvida alguma foi uma

pessoa inesquecível, fosse para o bem ou para o mal.

“A característica mais marcante do meu irmão, sem dúvida nenhuma, era o senso crítico em relação ao outro, a ele próprio não, que assumia faces irônicas, sarcásticas... Ele ridicularizava, ria das pessoas em ótimo e bom tom, gargalhando. E muitas vezes ele acertava. E isso atraiu muita gente em volta dele. Ele ridicularizava prefeito, delegado, diretor de escola, familiares, ninguém escapava. Era a forma dele transgredir a ordem.”

Em Irecê (BA) e Ibititá (BA), Lúcio é tido como uma lenda, fato que Geane ignorava até ser interrogada sobre o que ela achava disso.

“Eu estou me dando conta agora. Porque o que predominava em mim era a convivência que eu tive com ele. Mas escutando o depoimento de Pablo e também a conversa que eu tive com Gil, eles falam coisas semelhantes”.

O filho, Gil Nirvana, contou para Geane que quando em Maraú (BA), rapidamente ele conheceu toda a cidade, e que as pessoas gostavam muito dele tinham prazer em beber na sua companhia desfrutando da sua arte, pagavam bebida. Era muito admirado em Maraú.

“Lúcio quebrava os tabus, peitava as autoridades. Ele era amigo dos doidos

da cidade. E naquela época doido não ia pro hospício, eles eram cuidados pela comunidade. Ele era amigo de pobres, de feios, de ricos, de bonitos. Era uma pessoa que tinha uma alegria que contagiava. Ele animava qualquer ambiente”.

Outro elo dos irmãos foi a arte. Debora Geane, que também é professora de Letras e ambientalista, já fez teatro, trabalhou muito com grafite e pincéis, fotógrafa da natureza e se arrisca a traçar algumas linhas. Até o momento em que saiu do sertão sempre esteve rodeada de pessoas amigas que também faziam arte, cantoras, cantores e poetas. Portanto, jamais tratou seu irmão com preconceito pela escolha profissional e afirma que até mesmo na mãe deles havia um certo orgulho pela arte do filho. Para a irmã, a música foi a responsável por prolongar a vida do Lúcio, sem ela, ele teria ido mais cedo.

As ovelhas negras da família, insubordinados, como diria o Seu Gildásio, pai deles, fizeram dos nós da sua convivência laços fraternos de amor e amizade. Uniram-se na ânsia pela liberdade, na afinidade de curtir uma boa música, nos amigos que compartilhavam, além do amor pela floresta que ambos cultivavam. “Eu amo muito meu irmão”, finaliza nega Geane, sempre fortalecendo a base desse amor, hoje estendido aos filhos e filhas do seu saudoso irmão.

Era uma vez

O esconderijo perfeito

Contado por Osias Dourado

Lúcio era um garoto hiperativo e quando mais novo, era diferente dos outros meninos, não gostava que alguém tirasse onda com ele, já parti a pra cima. Ainda adolescente, em 1972, mudou-se definitivamente para Ibititá, foi morar com a sua avó paterna, minha tia Avelina e eu também fui de Brasília, para Ibititá. Estudamos juntos no Colégio Hermano Marques Dourado, estudamos juntos na mesma sala, foi lá que ele se apaixonou por Alcione, a mãe do Pablo.

Lúcio ficou impossível, começou a brigar “no murro” com várias pessoas na cidade. Um dia, enraivecido, chegou ao ponto de acertar uma tacada (aqueles tacos de madeira de jogar sinuca) no prefeito da época, Vandinho Matos, por ter feito chacota com ele.

Quando Lúcio viu que a coisa iria pegar para o seu lado, sabiamente correu para casa da Vó Avelina, desesperado. Pediu ajuda à velhinha e ela mandou ele se esconder debaixo da cama dela que era o único lugar de respeito naquele momento em que a multidão de gente

vinha atrás para linchá-lo.

Lúcio não contou conversa. Ele ‘pufe’ debaixo da cama. A vizinha dele passou a chave no quarto, quando a multidão puxa-saco do prefeito ferido, chegou procurando, ela disse que o Lúcio entrou correndo e que tinha pulado o muro dos fundos numa carreira, e ele bem guardadinho debaixo da cama da vizinha Avelina. A multidão correu para o Lajedo achando que ele teria se escondido por lá, mas não encontraram.

O prefeito ferido pegou o seu carro com alguns capangas e foi em disparada em direção à Irecê, achando que ele teria ido embora para a casa dos seus pais. O carro do Vandinho, prefeito, ia em alta velocidade, capotou e quase mata o prefeito e os capangas que lhes acompanhavam, no encalço de pegar o Lúcio, a coisa ficou feia para ele.

Quando a poeira assentou, ele saiu debaixo da cama da vizinha e lhe disse que iria fugir para a casa da minha irmã, Geny, na fazenda Coqueiro, e aí pronto, lá ele era tratado como rei entre nós.

Vão-se as cordas, fica o violão

Contado por Pablo Dourado

Na vinda de painho pra cá, na época do falecimento da minha avó, eu lembro que houve uma discussão por causa da herança e, por conta disso, ele ficou muito aborrecido. Eu sei que painho ‘tava’ retado com as coisas que estavam acontecendo, com a divisão da herança que, na sua visão, tinha sido injusta. Ele estava esbravejando, e eu nunca o tinha visto daquela maneira, ele tava bravo mesmo. Ele dizia: “Estão pensando o quê?! Eu nem morri ainda e

acham que vão pegar o dinheiro da minha herança e vão usufruir? Quem vai usufruir da minha herança sou eu”. E continuou dizendo: “Quando eu morrer eu vou deixar para vocês só o violão”. E aí eu para descontraí falei: “Opa! Se você for deixar o violão, então é uma corda para cada filho e o corpo do violão que é o mais valioso é para mim, que sou o mais velho e nunca tive nada seu”. Aí ele caiu naquela risada, aquela gargalhada dele estrondosa, e quebrou o gelo e essa tensão acabou.

Quem Canta, seus males espanta

Contado por amigos

Certa vez Lúcio voltava pra lá de Bagdá de uma noite de cantoria nos bares do centro de Manaus. Andando com um grupo de amigos bastante animado, passou em frente ao Hospital Beneficente Portuguesa, hospital onde nascera sua filha, Larissa.

Foi entrando no estacionamento do hospital enquanto os amigos perguntavam para onde ele ia, e ele continuou andando. Parou embaixo de uma das janelas do hospital e disse: vou cantar para os doentes. Pegou a viola, começou a cantar e quando terminou todas as janelas do hospital estavam abertas ouvindo ele cantar e aplaudindo. Lúcio tinha dessas coisas.

Cabeça de Ferro

Contado por Débora Geane Dourado

Não é nem engraçado, mas a gente ri depois que aconteceu. Minha mãe, igual a mim, tinha pavor a barulho e se assustava por qualquer coisa. Se ela estivesse costurando concentrada e alguém chegasse e desse um bom dia, ela já tomava um susto imenso. Se estivesse com tesoura, ela

lançava a tesoura tendo perigo até de cair em cima da pessoa. Era automático.

Em uma dessas eu me lembro que ela estava botando a mesa, e Lúcio chegou bem próximo dela e deu aquele apito colocando o dedo na boca. Foi um som estridente! Mãe estava com quatro pratos na mão, quando Lúcio fez aquele barulho, ela pegou os quatro pratos, deu na cabeça dele. Quebrou os quatro pratos e nele nenhum ferimento.

Maués

Autor: Lúcio Bahia

Ah como é bom morar na praia
Num lugar que se imagina
Viver, numa praia na beira do Rio
Me dá arrepios saber que sua
cabeça não está neste lugar

Na beira do rio canta passarinho
A canoa grande, na beira do rio
Olha o sol se pondo, aonde ele se
esconde
Do outro lado da praia

Num lugar que se imagina
Ou ou ou ou ou, Maués
Io io io, io io io io io io Maués...

Alma

Autor: Lúcio Bahia

Alma pintada
Nas cores que pintam na retina
Alma que sabe do invisível
Em cores vivas

E essa cara desenhada com o
divino traço
Tem a pinta do arquétipo
Tem na pele a mesma tinta
Que é pintada a cara do antípoda

De dia se pinta de Apolo
E a noite é Dionísio quem pinta
De dia se pinta de Apolo
E a noite é Dionísio quem pinta

O músico

Por Débora Macedo

Lúcio enveredou pela carreira musical muito cedo. Sua irmã Débora nos conta que estava no sangue: seus avós tinham tocado em orquestras, e sua educação tinha formação musical também, afinal, as escolas onde estudou tinham o objetivo de ocupar o tempo dele o máximo possível, não queriam que houvesse tempo para as traquinagens do menino.

A música também o curara da sua dor. Quando sofreu o ataque do urso, foi o dedilhar das cordas do violão que destravou seus tendões, segundo sua mãe. Lúcio é filho de Dalva, a estrela, portanto, brilhar também lhe era inevitável. Artista ávido e vaidoso, se orgulhava da boa memória, motivo pelo qual, tinha a mania de não escrever suas canções. Bastava um dedilhar para algo novo vir na sua mente, quase que de modo instantâneo. Começava a cantarolar qualquer coisa que rimasse com seus acordes, e poupo a pouco, repetia as estrofes e as melodias por meses, até que estivesse pronta. Essa relação instintiva com a música gerou uma enorme falta de registro, muitas das suas composições se perderam com a sua partida.

Francisco Carlos, seu compadre que o acompanhou durante muitos anos da sua trajetória profissional, tanto no

Lúcio canta na noite manauara



Acervo familiar

Ouçã esta canção na voz de Lúcio Bahia



início da carreira no Amazonas, quanto nas últimas apresentações antes da sua doença, nos conta que Lúcio sempre foi um músico muito dedicado, profissional e extremamente exigente com ele mesmo.

“Enquanto músico ele era muito profissional, queria sempre que a parte técnica estivesse muito boa, ensaiava muito, se dedicava demais. Nos conhecemos nos bares e tocamos em teatros. Tínhamos uma certa dificuldade na música porque além dos equipamentos caros, tinha que trabalhar muito para conseguir bons equipamentos. O apoio do governo era sempre muito tímido, enrolado, burocrático. Então, trabalhar com música na noite manauara sempre foi difícil porque havia pouca gente disposta a empreender.”

Chico, como carinhosamente é chamado pela família de Lúcio, nos conta também que os contratantes no Amazonas, sempre esperaram que os músicos preparassem toda a infraestrutura para as apresentações. Ainda de acordo com o mesmo, embora Lúcio fosse muito sonhador, como a maioria dos artistas que enveredam por esse caminho, era realista e revoltado por não encontrar uma solução para isso.

Acostumado a organizar festivais, sua irmã Geane relembra quando ele organizou um festival dentro da igreja católica, para tristeza das beatas da cidade, que resmungavam sobre como os padres italianos permitiram que as

pessoas cantassem e dançassem dentro da igreja.

Um artista carismático, vivia cercado de outros músicos ou de platéia. Um ótimo contador de piadas, Lúcio sempre foi memorável. No entanto, também teve seus momentos de solidão. Era a solidão do artista, aqueles momentos de recolhimento para compor, quando buscava significado nos mais variados cenários e personagens para escrever. Fazia parte do seu processo. Longe de ser algo patológico, essa solidão era uma necessidade do criador, do poeta e do compositor, algo muito natural a ele. Em muitos momentos a frustração pelas dificuldades de viver de música em Manaus esteve presente nas suas composições. “As músicas de Lúcio eram diferentes, retratavam situações que ele vivia ou sonhava”, diz o compadre Chico. Foi um compositor revolucionário, tratando situações cotidianas do seu dia ou da sua localidade com tamanha poesia, que quem ouvia, demorava a saber que estava naquela letra um ato de protesto, isso quando o vinha a saber. Sua última composição retrata com maestria e poesia o local que era seu cenário preferido na capital amazonense, o Largo de São Sebastião. “Guardião do largo”, título da canção, traz uma perspectiva única dos personagens e cenários que ele via e vivia no seu dia a dia, cantarolando na praça, nos palcos em volta do Teatro Amazonas, no evento “Tacacá na Bossa”, ou no famigerado Bar do Armando, palco de grande parte da sua vida artística.

Relações paternais

Relatos de filho

Por Lúcio Bahia

Eu era criança, e às vezes viajava com o meu pai nos dias de feira pelo município de Piritiba. Tinha lá, um povoado chamado Andaraí e havia um comércio, com vendas de bebida, artigos em geral, armazém. Nessa época não existia supermercado no sertão, eram aquelas chamadas “vendas”. E uma das melhores vendas do Andaraí era a de Zé Belo, com balcão e sinuca. Era o ponto do meu pai neste povoado.

Nestas vendas e bares, meu pai sempre contava piadas e imitava as pessoas muito bem. E uma das piadas do meu pai, que achava bem interessante, era sobre Seu Zé Belo, possuidor de uma boca tão grande, que quando queria fechar a venda, parar o jogo de sinuca, segundo meu pai, botava três bolas na boca e ainda conseguia falar: “quem jogou, jogou, quem não jogou, não joga mais”.

O meu pai fazia um texto rápido para a luz do entendimento do ouvinte, falando isto e imitando a voz de Seu Zé

Belo, ao mesmo tempo com as três bolas de sinuca se chacoalhando dentro da boca. Hiperboliza a situação das bolas, da fala e da boca do cidadão. Ele hiperboliza o texto, para dar compreensão real do fato. É uma das piadas que ele inventava, que eu achava interessante, porque eu conheci o cidadão Zé Belo, lhe sobrava realmente a boca, chega caía, assim para os cantos.

Eu ia também para a feira de Tapiramutá com o meu pai, lá fazia muito frio. Era tão frio que quando a gente falava, parecia que o ar quente condensava, ficava aquela fumaça. Naquele tempo, ele ia comprar farinha e também chegava muita gente com dinheiro em espécie, para mandar aos parentes em São Paulo pelos Correios. Entregavam em mãos para o meu pai, confiavam muito nele.

Em Piritiba, o meu padrinho era Genário, era da roça, se não me engano de Tapiramutá. O meu padrinho oficial era tio Orly em Irecê, mas eu gostava muito de padrinho Genário. Ele trazia coisas interessantes da roça para mim, muitas frutas, mangas, jacas.... Eu nunca cheguei a ir na roça dele, meu pai não deixava, pois dizia que eu era muito danado.

Mas lá, naquela época eu era o rei do trole na Estação Ferroviária de Piritiba. Andava de trole. Pegava o trole para dar umas voltas. Lá vem o trem! Lá vem o trem! E eu não sabia como parar o trole...

O trole era um compartimento sobre os trilhos da linha ferroviária. Tinha uns dois metros e

meio de comprimento e 1.80 ou dois metros de largura. Como se fosse um pequeno vagão sem as laterais, ele tinha uma alavanca e aquele eixo. Através da alavanca movia o eixo. Se o trem vinha, deixava a alavanca baixa e o trem mudava para o trilho de reserva. Brincava nos trilhos sozinho. Brincava sempre sozinho.

Em Piritiba só tinha dois amigos, que eram Henrique e Gideon. Gideon era filho de Seu Marotinho, dono do cinema. Me lembro uma vez que teve uma peça teatral lá no cinema e eu mije nas calças. Morri de medo de

ser expulso do cinema para sempre. Seu Marotinho era um tanto reservado, mas eu era o filho do dono dos correios, então ele até permitia que eu fosse amigo do seu filho, pois eu era filho do Chefe dos Correios.

Me lembro que um dia, disse umas coisas para Seu Marotinho e saí correndo, fui me esconder na casa da avó de Henrique.

Henrique era neto de Dona Lili, e fui me esconder lá na casa dela. Dona Lili era tipo Dona Avelina (minha avó). O que vovó Avelina era para Ibititá, era Dona Lili para Piritiba, acolhia todo mundo. Tem muita gente em Ibititá (BA) que chama vovó Avelina de mãe. Manoel Gustavo foi criado por vovó Avelina. Tia Vitalina, não era irmã de pai e mãe de vovó Avelina, era de outro casal, mas foi morar com ela. Muita gente foi criada por vovó Avelina.

Essas lembranças são de Piritiba,



Seu Gildásio e dona Dalva, pais de Lúcio

Acervo familiar

são lembranças remotas, eu tinha seis, oito anos de idade quando nos mudamos para Jacobina (BA). Foi quando o urso mordeu o meu braço.

Me lembro quando meu pai chegou em Jacobina, para assumir a repartição, naquela época a Empresa dos Correios e Telégrafos. Chegou de sandália japonesa, e era o chefe, mas não seguia todas as regras da sociedade, o cargo exigia que andasse alinhado de terno e sapato.

Ficou conhecido como Seu Gildásio, o dono dos Correios e Telégrafos. Ele tinha aquela postura de encarregado, e isso fazia com que as pessoas respeitassem ele, era chamado de Chefe. Virou um apelido, era sempre chamado de Chefe. Foi pouco tempo que a gente morou em Jacobina, foi uma época que os correios de Jacobina, conseguiu atingir os seus objetivos de empresa, porque tinha as suas

insuficiências e o meu pai ordenou a repartição, funcionando tudo muito bem.

Jacobina era um centro social, econômico e cultural muito importante na época. Era um lugar onde as pessoas gostariam de morar, ou na capital. Na época foi dada a mesma oportunidade ao meu pai e ele optou por Jacobina.

Lá, a sede das filarmônicas era na mesma rua que morávamos e eu não perdia um ensaio. Me lembro quando os músicos da Filarmônica Dois de Janeiro vinham ensaiar, eu estava sempre lá, eu era para ser músico desde criança, não sei porque não fui. Então eu já conhecia os músicos da filarmônica Dois de Janeiro, principalmente Faié e Orlando, funcionários dos correios telégrafos, trabalhavam com o meu pai e havia também os músicos antigos que conheceram o meu bisavó Gustavo Macedo e o meu avô Jaime. Foi quando me falaram que meu avô era um bom trombonista.

O meu avô Jaime era músico de partitura, músico de berço, aprendeu com o pai, maestro português, Gustavo Macedo. Quando mais velho não tocou mais, porque perdeu os dentes na frente, a embocadura, aí não tocava mais. Mas sempre gostou de uma cachacinha e era raparigueiro. Várias vezes indo para Pedra Lisa com meus primos, Magão, Marcelo e Lica, a gente flagrava vô, lá na casa de Maria Clara, saída de Ibititá.

Me lembro uma vez, que a banda de Orlando e Faié foi tocar no carnaval em Barro Alto e eu fui, me deixaram tocar. Toquei percussão a noite toda, no

outro dia não conseguia abrir a mão. Só faltava o formol para conservar a mão, dura feito pedra. Jacobina foi uma coisa boa na minha vida, com exceção do urso.

Então, você me pediu para falar sobre pai, filho de Jaime e Avelina: ele era uma pessoa muito versátil, os conhecimentos que ele tinha, básicos e gerais, eram o suficiente para dar um show em todo o lugar. Ele usava muitos adjetivos e sinônimos. Às vezes ele adjetivava e dava significado a mesma coisa, quantas vezes fosse possível. Principalmente para não falar o palavrão certo. Se uma palavra não bastava, ia buscar outra que intensificava o sentido da palavra já dita.

As amizades de pai eram com as pessoas mais humildes, ele tinha uma forma de se relacionar com as pessoas diferente da minha mãe. Minha mãe escolhia o santo, o meu pai escolhia o milagre.

Ele era um homem de formação, regado de humildade, porque meu pai era um homem de fé, com base nos seus conhecimentos, era um homem da Chapada Diamantina e um homem da Chapada Diamantina tinha que ser, sobretudo, um homem com destreza para a vida. Claro que por trás, tinha Dona Avelina, sua mãe, uma pessoa, que com certeza moldou a educação do meu pai. Aquela natureza que ela tinha, a natureza de cada um é particular, mas aquela sabedoria que ela tinha de agir, sempre procurando o lado certo, correto, como meu pai gostava de falar palavra por palavra: faça a coisa certa, correta, exata!

Boi de Piranha

Autor: Lúcio Bahia

Quem pensa que sois
Digo-te que és
Uma junta de boi
Por medo e encomenda para o jacaré

Fui boi de piranha
Mas restou-me juízo
Por isso me organizo
Brinco contigo quando convier

Eu não sou trem
De que me serve as linhas?
Em Manaus ainda não tem
Gondoleiros com crachá, metrô
de superfície sem linhas pra trem

Eu quero mesmo é curvas
fechadas
Freios bruscos, fortes arrancadas
Na madrugada fazer amor com
você
Após, tudo bem, um relax total

Quem pensa que sois
Digo-te que és
Uma junta de boi
Por medo e encomenda para o jacaré

Fui boi de piranha
Mas restou-me juízo
Por isso me organizo
Brinco contigo quando convier

Eu não sou trem
De que me serve as linhas?
Em Manaus ainda não tem
A Venezaprometida, gondoleiros
com crachá, nem linhas pra trem
E o bondinho da “Roberlândia” já
nos faz tão bem...

Ouçã esta canção na voz de Lúcio Bahia



Da caçula, com terno amor

Por Débora Macedo

Para muitos, Margô, para Lúcio: Reth, ou Rethinha, em diminutivo à Margareth. Irmã caçula de Lúcio, ela retribuía a afeição que dele recebia, deixando-o envaidecido quando dizia que ele era o seu Caetano Veloso, ou quando carinhosamente o chamava de ‘Cui’, apelido que ele repassou ao seu quarto filho, o também Lúcio Flávio.

Se dizem por aí que a memória é uma ilha de edição, a caçula cuida das suas como arquivos organizados, sem desfazer-se das boas, tampouco das ruins.

“As pessoas têm defeitos, qualidades e virtudes. E alguns tendem a ter um comportamento mais diferenciado, né? E no entorno dessas pessoas tem um montante de causas. O porquê de sermos dessa ou de outra forma. Ninguém se faz sozinho, nos construímos dentro de vários aspectos sociais, psicológicos, emocionais, afetivos, e eu acho que meu irmão é o resultado de tudo isso”.

No baú das suas memórias, uma provavelmente lhe seria preferível que estivesse empoeirada, quase apagada, como lacunas ocas que o tempo costuma deixar em alguns fragmentos da nossa vida. Essa dolorosa lembrança é o que a motivou a ter um olhar sempre terno e acolhedor para com o irmão. Lembrar a rigidez com que seu pai tentava corrigi-lo moldou o seu olhar complacente.

“Lembro muito bem, quando vivíamos em Jacobina, ele tavaacorrentado. Meu pai colocou ele dentro de um quarto de onde nós morávamos e ele estava em uma corrente. Isso é uma lembrança muito forte, e vem sempre na minha cabeça”.

Lúcio teve situações atípicas e intensas desde muito cedo. Se faltava jeito ao lidar com a hiperatividade dele, não faltou amor, seria mais fácil dizer que o pecado foi o excesso, afinal, foi o tão esperado filho homem, depois de quatro mulheres. O filho para quem tudo se oferecia, ao ponto de o que não lhe fosse ofertado, era por ele exigido, se essa fosse a sua vontade, que rotineiramente era acatada.

Curioso e muito danado, mexeu com um filhote de uma urso no circo, e a urso abocanhou o braço dele.

“Uma cena de terror com uma criança de 10 anos. E nesse período que ele ficou hospitalizado, por conta dessa urso, eu passei a ter raiva de urso. Foi muito difícil para ele, muito difícil! Imagina o que que é isso na cabeça de uma criança?! E o



Acervo familiar

Margareth e Lúcio em seu último reveillon juntos

tratamento era muito doloroso. Quando chegava o enfermeiro ou enfermeira para trocar o gesso, ele queria se jogar do apartamento que a gente vivia”.

Acaçula de Dona Dalvinha, de uma maneira muito realista, e igualmente afetuosa, busca sempre relacionar a influência das vivências do irmão ao homem que ele foi, e a cada sentença que parece já vir atrelada aos seus argumentos, se reflete a relação que eles tinham.

“Eu devo dizer que eu amei e amo meu irmão, muito, muito mesmo. A gente tinha uma forma de se dengar, eu chamava ele de ‘Cui’, e não sei porque, mas sempre foi Cui. Além disso, eu tinha um certo orgulho dele. Quando já era adolescente, que as pessoas

falavam dele, chamavam ele de resto de urso. Ave Maria, eu chorava, porque para mim era como se fosse um bullying para minha pessoa, imagina para ele. Eu achava que era o maior insulto chamar meu irmão de resto de uso”.

A talentosa Margô faz questão de afirmar que ele foi um artista, e que deixou um bonito legado. Afinal, um artista reconhece o outro, não é mesmo?! Além disso, relembra também que ele gostava de inventar coisas com lanternas, pilha, bateria, papelão. Gostava de ser, no entanto, autodidata.

“Estudar, mesmo, foi difícil. Passou a maior parte do tempo em escolas internas, e era o filho que tinha mais privilégio em casa, apesar dos pesares. O primeiro a ter

uma bicicleta, teve uma Radiola também. Radiola mesmo! Vermelhinha, lembro como se fosse hoje”.

Margareth também se recorda de ir na garupa da bicicleta do irmão para a escola, e conta que certo dia o salto do seu sapato ficou no raio da bicicleta e os dois caíram. Com essa lembrança outras coisas engraçadas lhe vêm à memória:

“A primeira festa que eu fui, eu nunca gostei de festas, mas ele me levou e disse que eu só podia dançar com um amigo, e o amigo dele chamava Saruê. Eu tive que dançar com Saruê o tempo todo (risos). Na verdade era um cara legal, bacana, mas na época, o Saruê não era lá a pessoa que eu queria dançar na festa”.

A respeito de Lúcio enquanto artista, Margô considera que ele deixou um belíssimo legado, com lindas composições e músicas que revelam o artista sensível que ele foi, e sua maneira de retratar o que acontecia ao seu redor. E quanto à sua vida e partida, é categórica:

“Foi uma vida difícil para todos nós. A forma como a vida pisou nele e a maneira como ele retribuiu as pisadas da vida. Mas quando ele desencarnou eu senti uma dor intensa, muito grande, muito forte. Ele viveu muito tempo longe da gente”.

No entanto, mesmo ressentida por conta dos filhos que teve na Bahia e aos quais não deu a atenção que mereciam,

não se considera capaz de dizer com certeza se a ausência do irmão foi uma bênção ou uma lástima.

“Essas coisas acontecem em todas as famílias. Nos relacionamentos, à distância realmente há uma grande barreira para que as coisas se realizem de uma forma melhor entre as pessoas. Mas às vezes a proximidade é uma grande oportunidade para que coisas não boas também aconteçam entre as pessoas. Então a gente não sabe, Deus é que dá o destino dessas coisas, e não cabe a mim falar sobre isso”.

Ainda nas palavras de Margareth, Lúcio Flávio foi o único irmão, o homem da casa e mesmo que não tenha tido uma vida fácil, também não foi fácil conviver com ele.

“Por outro lado, também tem momentos que foram lindos. Vários momentos que foram fortes e intensos, pela musicalidade dele, pela língua ferina que ele tinha, pelas coisas que falava (risos)”.

Margareth acredita que todas as pessoas que passam pela nossa vida deixam um vazio, ou pelo menos deveriam deixar esse espaço de saudade, quando temos a sensibilidade do ser humano. É esse o vazio que seu irmão deixou, e que ela acredita que só o tempo vai preencher a saudade que ela sente de uma pessoa que marcou sua vida: Lúcio Flávio Dourado de Oliveira Macedo Matos, seu irmão Cui.

A grande árvore

Narrado por Gil Nirvana Dourado

A gente 'tava' aqui acompanhado a situação do meu pai, e comentei com meu avô Rai, que ele estava doente. No outro dia meu avô contou um sonho: "Gil, eu tive um sonho com uma árvore grande, tão grande, eu nunca tinha visto uma árvore assim, grande demais. E essa árvore começou a cair e eu gritava, corre gente, corre que a árvore vai cair. Era uma árvore imensa e por mais que corresse, não ia conseguir escapar". Ele me contou este sonho e eu interpretei que era o meu pai essa grande árvore, pois no dia seguinte meu pai faleceu.

Em 1955 nascia na cidade Piritiba (BA) uma grande árvore. Uma árvore que trazia marcas adquiridas ao longo do seu crescimento. Podia-se notar que em suas galhas, do lado direito havia uma mais fácil de perceber, parecia ter sido feita por um machado, como se alguém a quisesse cortar. Mas, nada que comprometesse sua estrutura. A árvore cresceu, suas raízes e galhas atingiram outros estados. A copa da grande árvore alcançou o Amazonas, deixou frutos no fértil solo baiano, mas lá também deu novos e bons frutos. O tronco era castigado, meio defeituoso, mas o âmago, o cerne dela era bom. Meu pai tinha muitas qualidades e todos os filhos dele herdaram algumas delas. A alegria sem dúvida! Painho era alegre, e eu me sentia protegido por esta grande árvore.

Meu pai, também era 'camaradeiro', tinha facilidade de fazer amizade com os mais humildes, com todos, independente de classe. Quando ele veio na minha cidade, Maraú (BA), e eu o conheci, foi muito importante, porque eu não tinha referência, só o conheceria de ouvir falar. Hoje, por aqui, muita gente conheceu meu pai e meu pai conheceu muita gente. A única frustração que tenho é ele não



Arquivo familiar

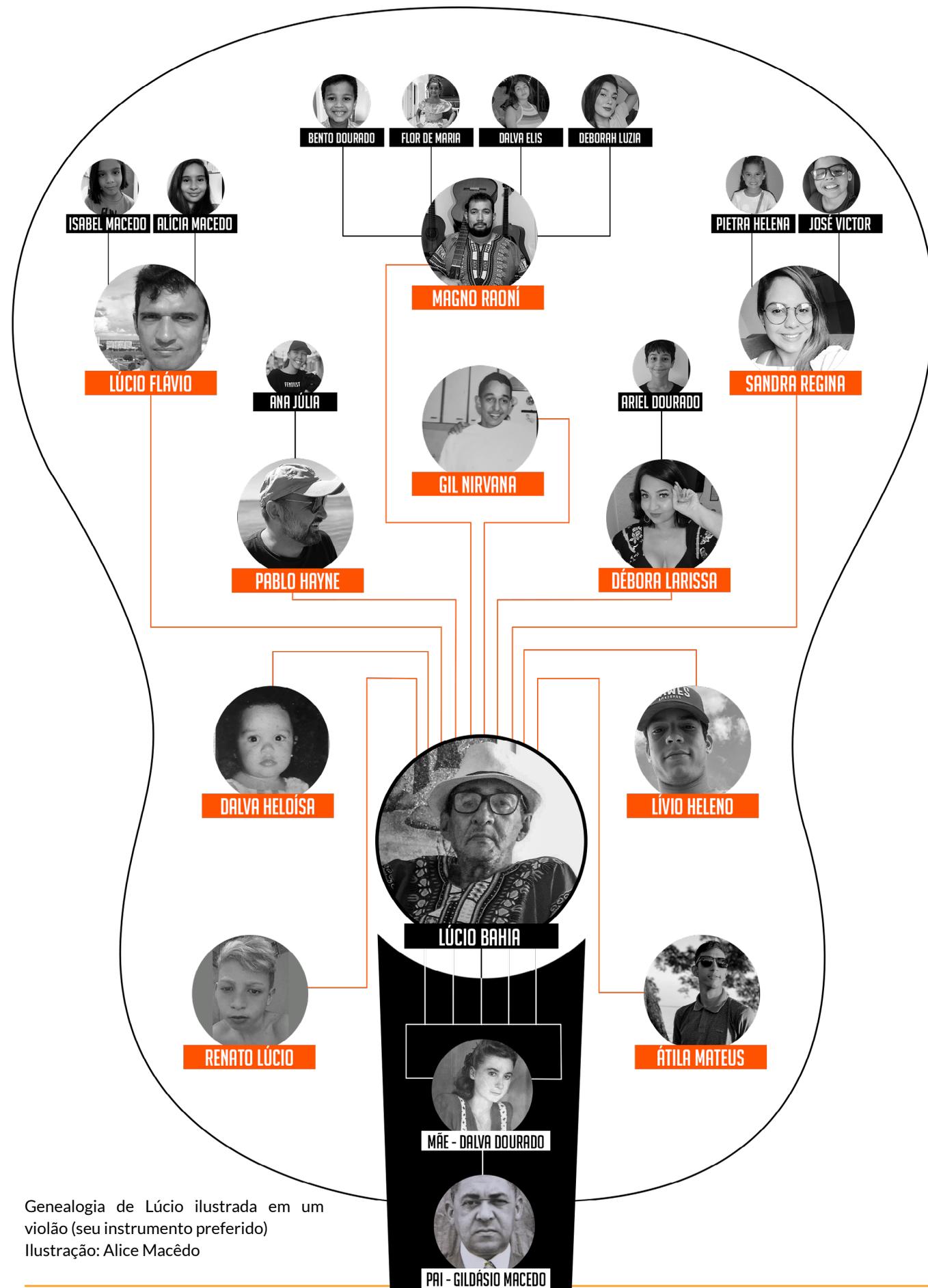
ter tocado na praça, pois eu tinha esse sonho: um show do meu pai na praça de Maraú.

Certa vez, tive oportunidade de pescar com meu pai no rio, e em uma dessas pescarias pegamos um camurupim. É um peixe tão grande que quando pega no anzol, sai arrastando a canoa de um povoado para o outro, a pessoa acaba fazendo uma viagem sendo arrastada por ele. Pescar um camurupim é extremamente difícil, nem lembro a última vez que vi alguém conseguir, seja com rede, ou com anzol, não pega. Eu mesmo nunca havia pego um, mas naquele dia peguei, com meu pai. O camurupim chega a ter até duzentos quilos. Gosta de água salobra, doce misturada com a do mar, das nascentes que desaguam da maré no braço do mar.

Meu pai não perdia uma feira, herdou isto do meu avô, Gildásio, o hábito de frequentar a feira. Tem por aqui um vendedor de peixe que meu pai gostava muito, e não podia ir na feira que voltava contando um caso do João do peixe e dando risada das artes do feirante. O mais curioso é que João do peixe, que não gosta de ninguém, gostava do meu pai.

A coisa que mais lamento na vida é não ter tido oportunidade nem condição de cuidar do meu pai. Se eu pudesse, ia cuidar dele aqui, e deixar meus irmãos orgulhosos também. Mas Deus sabe de todas as coisas, minha grande árvore podia ter durado mais um pouquinho, se não tivesse brincado um pouco na juventude, quando tinha saúde. Mas Deus sabe o que faz, ele não podia continuar sofrendo. Painho para mim era um amigão, um parceiro. Era carinhoso e tudo de bom!

Gil e o avô, Gildásio



Genealogia de Lúcio ilustrada em um violão (seu instrumento preferido)
Ilustração: Alice Macêdo

Pedro, nos conta a tua história?

Temos por hábito relembrar os que se foram, trazer à tona nossas emoções, nossas melhores lembranças e aquietar o coração com a simples recordação dos que já tivemos um dia, mas não podemos mais tocar, sentir ou ouvir.

Lembranças de gente é o início de muitas histórias que queremos contar, de histórias que queremos ouvir e

eternizar, mas não só história de quem nos espera em outro lugar. História também dos que estão aqui, a nos guardar, abraçar e incentivar.

Nesse contexto, apresentamos Pedro, que não é o apóstolo, mas diverte suas filhas com suas prosas que bem poderiam ser de pescador, como na vez em que contou que era comum na sua juventude percorrer a distância de 120km, entre Nova Floresta, cidade onde nasceu, e Campina Grande, apenas com o motorzinho das pernas, andando mesmo! Dá para imaginar, nos dias em que qualquer 5km nos faz chamar um carro com a ponta dos dedos?

Preocupado com a família, é um pai que tem diversas formas de abraçar, maneiras que vão além do gesto em si e do contato físico. Pedro abraça quando

Ouçá a composição de Pedro Bezerra



Pedro Bezerra cantando sua composição que incentiva "Fique em casa" durante a pandemia, 2020

Acervo familiar

Acervo familiar



Pedro Bezerra e filha mais nova

cuida da educação dos seus filhos ou quando, em plena pandemia, não parou de trabalhar nem mesmo um dia, para que nada faltasse para a sua família.

Pedro abraça quando inspiradamente grava uma canção incentivando a todos a não irem para a rua, ou quando ao ver Alice doente e trabalhando por horas na frente do computador, abre a porta do quarto só para saber se ela melhorou.

Acervo familiar



Filhos mais novos e esposa

Pedro é pai, no mais amplo sentido que essas três letras possam ter. Carrega nos ombros o peso das suas escolhas, das suas conquistas e de tudo o que a vida lhe deu. Sabe que o que lhe foi dado merece cuidado, casado há 25 anos com Dona Geuza, o metalúrgico se realiza nas formações das suas filhas: contabilidade, recursos humanos, biologia e jornalismo. Formações essas, das quais ele participou ativamente, pois tem a plena convicção de que só a educação transformará a vida de sua gente.

Pedro, como o próprio nome induz: é rocha, é alicerce, é a pedra firme sobre a qual a sua família foi constituída, mas se mexer com suas crias, também pode ser a pedra atirada a quem cometer tamanha ousadia. Pedro é cheio de lendas, que um dia vamos contar, recontar e contar de novo, basta que ele nos conte a sua história!

Ouçá O menino da Gaita na voz de Pedro



Filhas mais velhas e as netas

Acervo familiar

Lúcio Bahia (in memoriam)

“Cantava Gil melhor que ninguém. Não deveria ter partido”.

(Jorge Klein)

“Descanse em paz, amigo Lúcio Bahia. Sentiremos sua falta - como você me falou: ‘farei do pano das calças, uma bandeira’ – Faltou o último abraço, querido. Obrigado pela alegria, boa música e amizade sincera”.

(Marcos Tubarão)

“Vá em paz meu amigo, foi um prazer lhe ouvir tocar, trocar ideia entre uma música e outra. A boêmia manauara sentirá muita saudade de você, Bahia”.

(Silvia Moraes)

“Meu amigo Lúcio Bahia, insubstituivelmente o melhor intérprete da música ‘Seu olhar’, de Gilberto Gil. ‘Quando, como e onde, vai parar meu coração...’ Saudades, Saudades”!

(Rui Machado)

“Grande Lúcio Bahia, espero que continue observando os hipócritas de onde estiver. Vai com Deus, agora na Santa paz. Obrigado por me chamar de amigo, na verdade me sentia como um filho. Gratidão pelos ensinamentos, simplicidade, pela consideração com a minha família, suas canções, ficarão para sempre em minha memória”.

(Josildo Silva)

“Meu amigo, estou arrasada. Que triste notícia. Tive o privilégio de conhecê-lo e passar muitas noites de boêmia com você, seja no Bar do Armando ou em tantos outros lugares que tivesse uma cerveja gelada, um “cantinho e um violão”... Tristeza invadiu meu coração... Vá em Paz meu amigo, alegrar o céu com belas canções!”

(Consuelo Mello)

“Eu o conheci conversando sobre Michel Foucault, foi uma noite muito agradável na praça do congresso. Não sabia que aquele homem esclarecido era o famoso Lúcio Bahia. Quando andei pelo município de Maués soube de uma composição linda que diz ‘Como é bom morar na praia, no lugar que se imagina...’ Sempre nos abraçávamos e ríamos muito quando nos víamos. Ele me chamou várias vezes para ir à sua chácara e não fui. Escrevi dois contos que mencionava o seu gênio criador e tive a oportunidade de ler ao amigo. Ontem encontrei um outro amigo e contamos quantos queridos perdemos diante dessa nuvem letal que vivemos hoje, mas não queria aumentar essa lista de despedidas. Me sinto demolido por saber da verdade sobre a nossa separação. Muitas músicas ouvi, mas uma em especial sempre eu pedi para ele cantar que é ‘Certas Canções’, do Milton Nascimento. Artistas não morrem, só dobram a esquina sem dizer adeus. Amo você, Lúcio Bahia, obrigado por ter tido a oportunidade de te conhecer e ter nutrido a nossa amizade.”

(Max Caracol)

Gratiliz

Produzir essa revista foi um duplo desafio: Enquanto Alice se aventurava na cuidadosa diagramação, eu me emocionava ao ler novamente os relatos, os vídeos e áudios que recebi durante toda a coleta de dados. Não obstante, alguns textos demoraram a ser construídos, precisava não só de tempo, mas daquele sentimento que nem sempre eu queria sentir: Era um aperto no peito ao tempo em que a alma suspirava. Era o rolar de lágrimas enquanto ouvia meu pai ou seus artistas favoritos cantarem ao pé do meu ouvido, na tentativa de que me soprassem, palavra por, palavra, o que precisava ser dito.

É por inúmeros motivos, que nos faria ter que fazer uma nova revista só de agradecimentos, que dedicamos este espaço para agradecer.

Ao professor Fernando Firmino, que nos provocou a criar uma revista na sua disciplina, momento em que testamos nossas habilidades ou quando particularmente me incentivou quando brinquei: “Um dia quero escrever para a Piauí”, e ele me respondeu: “Talento não falta”. Ao professor Jurani Clementino, que desde o primeiro contato tornou-me uma devoradora dos seus textos e uma fã que um dia quer ser capaz de produzir textos tão bons quanto os dele. Ao professor Hipólito Lucena, por acompanhar-me desde o primeiro período do curso, me ensinando a trilhar os caminhos da comunicação e da arte. Ao professor Kleyton Canuto, que abraçou a minha ideia tão carinhosamente quando ela ainda era um projeto de documentário, que tornou-se inviável pelo cenário pandêmico atual. Em nome de Alice, agradeço ao professor Moisés Araújo, que logo no primeiro período ministrou uma disciplina que a fez questionar

sua capacidade, mas que quando superada, ajudou-a a acreditar mais em si mesma. Ao professor Rostand Albuquerque, que ao ouvir a minha ideia, tornou-a um desafio: realizar um trabalho jornalístico com um tema que me era tão próximo. À professora Ana Sousa, pelo talento natural de ensinar, incentivar e apresentar novas perspectivas. Ao professor Fábio “Mob”, que me conduziu na minha primeira experiência etnográfica. Ao professor Rômulo Azevedo, pelo incentivo acadêmico e sensibilidade para compreender a peculiaridade vivenciada por cada um dos seus alunos e por ter dado à Alice a oportunidade de experimentar seu potencial ao longo da graduação como sua orientanda.

À professora Verônica, que embora tenha conhecido no meu último período, me é tão preciosa como uma verdadeira mestra, orientando-me detalhadamente, fosse em uma atividade para o Instagram ou para o TCC, tratando-me de maneira sensível, empática e muito carinhosa. À ela, toda a nossa admiração!

Tenho o coração cheio de gratidão também à minha professora, orientadora, futura madrinha de crisma e amiga querida: Ingrid Fachine, que no meu primeiro contato com a disciplina de Elaboração de Projetos em Jornalismo, me disse a frase que guiou todo o meu percurso acadêmico: “Escreva sobre algo que você goste”. Isso fez com que cada atividade minha carregasse não só um pedaço de mim, mas fragmentos de toda a minha história, e da história dos que eu amo.

Obrigada, queridos mestres!

Débora e Alice (Macedo & Macêdo)

Créditos

Ilustração O menino e o Urso (@monadesenhando)

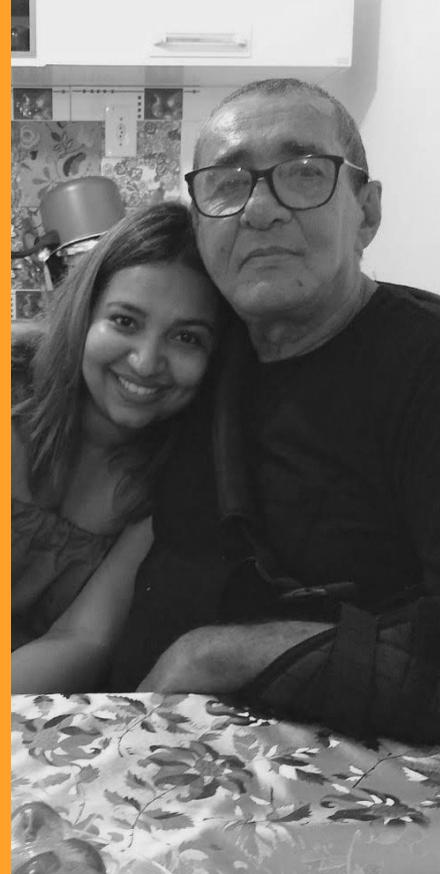
Revisão textual: Angellyka Souza, Débora Macedo

Diagramação e Ilustração da capa: Alice Macêdo

Textos: Débora Macedo, Dalva Dourado e Lúcio Bahia



Débora querida
Laca amada
95 mil desejos
de paz saúde e amor. Que
as remadas de 95 leve-nos
a um Porto Seguro
Do jovem Papai
Lúcio Beirão



No som do tambor

Eu tinha 8 anos quando minha mãe me vestiu com um vestido verde indiano, com elástico na parte de cima e dos ombros, e soltinho na parte de baixo.

Segurei forte e orgulhosa a mão do meu pai, eu estava muito feliz porque íamos para um evento, só nós dois. Entramos no ônibus, eu levantei o vestido pra sentar, não queria amassar, meu pai disse que não podia sentar com o bumbum direto no banco do ônibus, ajustou meu vestido e seguimos viagem.

Fomos a um lançamento ou show, não sei ao certo, mas sei que era do Raízes Caboclas, eles haviam gravado "Tambor da Vida", a música que meu pai compôs para o meu irmão, Magno Raoní, e acho que foi nessa ocasião que ele me deu esse cartão, que eu guardo há 26 anos.

No dia 27 de junho de 2020, um dia depois do aniversário do Raoní, o tambor da vida tocou pela última vez para o meu pai. Por aqui, seguimos a vida, e contamos suas histórias, no tom do tambor que continuará a ecoar nos nossos peitos, hoje nem tão felizes e nem tão contentes.

Atualizo os desejos e faço minhas, as suas palavras, que espero que façam sentido onde quer que você esteja:

Lúcio querido,

Pai amado!

2020 mil desejos de paz, saúde e amor. Que as remadas de 2020 tenham lhe levado ao seu porto seguro.

Da jovem filha,

Débora Dourado

(Sua Laca)